

Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional

MSDC



MOSTRA SESC
DE CINEMA

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2019

Sesc | Serviço Social do Comércio
Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
Carlos Artexes Simões

Diretoria de Programas Sociais
Lucia Regina Senra da Silva Prado

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Gerência de Cultura

CURADORIA

Seleção realizada por todos
os Departamentos Regionais
e o Departamento Nacional

PRODUÇÃO EDITORIAL

Assessoria de Comunicação

©Sesc Departamento Nacional, 2019

Tel.: (21) 2136-5555

www.sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.

Todos os direitos reservados e
protegidos pela Lei n. 9.610/1998.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária: Renata de Souza Nogueira CRB-7/5853

Sesc. Departamento Nacional.

Mostra Sesc de cinema : catálogo / Sesc, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro ; Sesc, Departamento Nacional, 2019.

88 p. : il. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-8254-077-0

1. Cinema. 2. Mostra de cinema. 3. Mostra Sesc - Catálogo. I. Título.

CDD 791.43

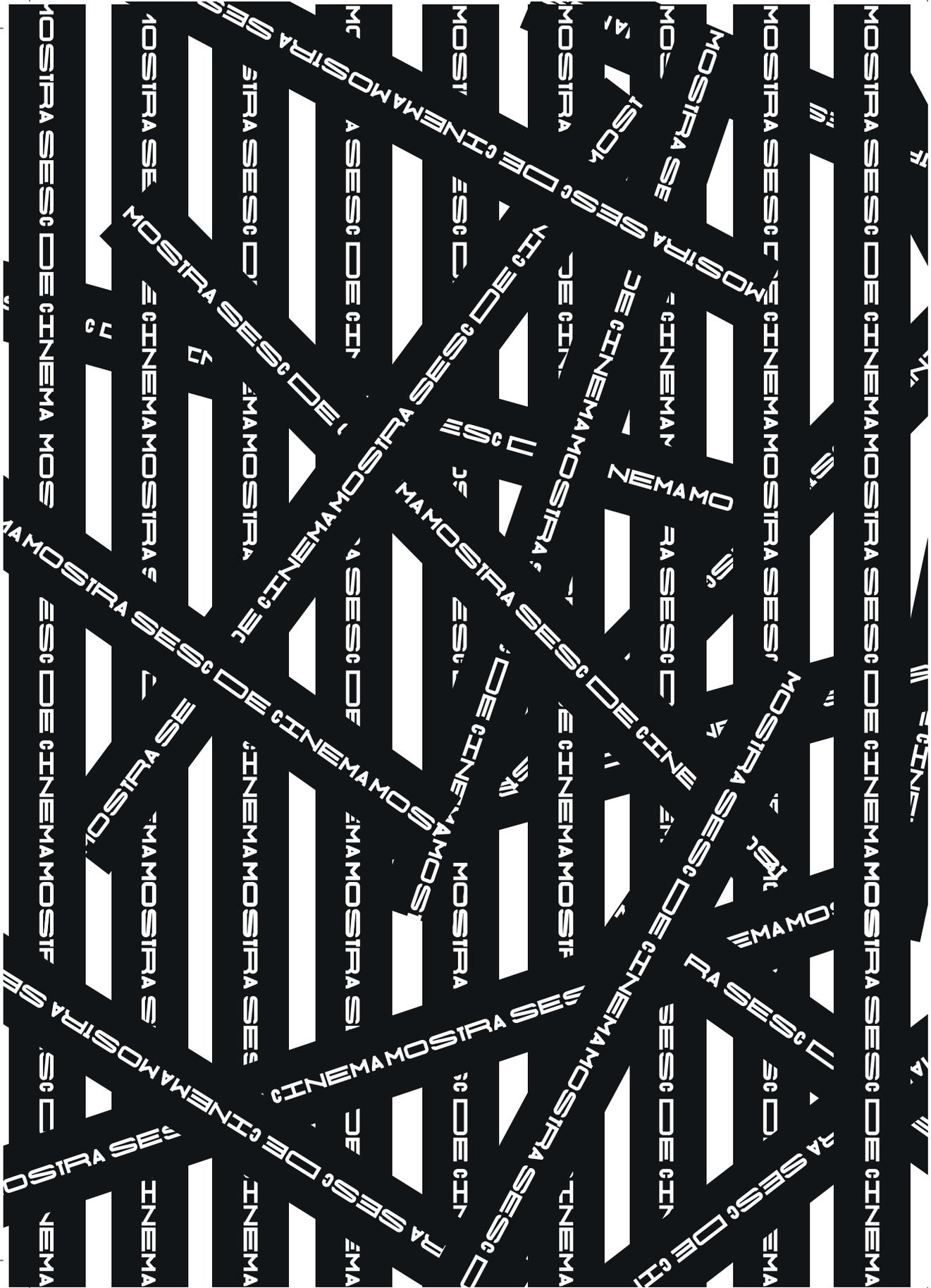
O **Serviço Social do Comércio (Sesc)** é uma instituição de prestação de serviços de caráter socioeducativo que promove o bem-estar dentro das áreas de Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência a fim de contribuir para a melhoria de vida de seu público e facilitar seu aprimoramento cultural e profissional.

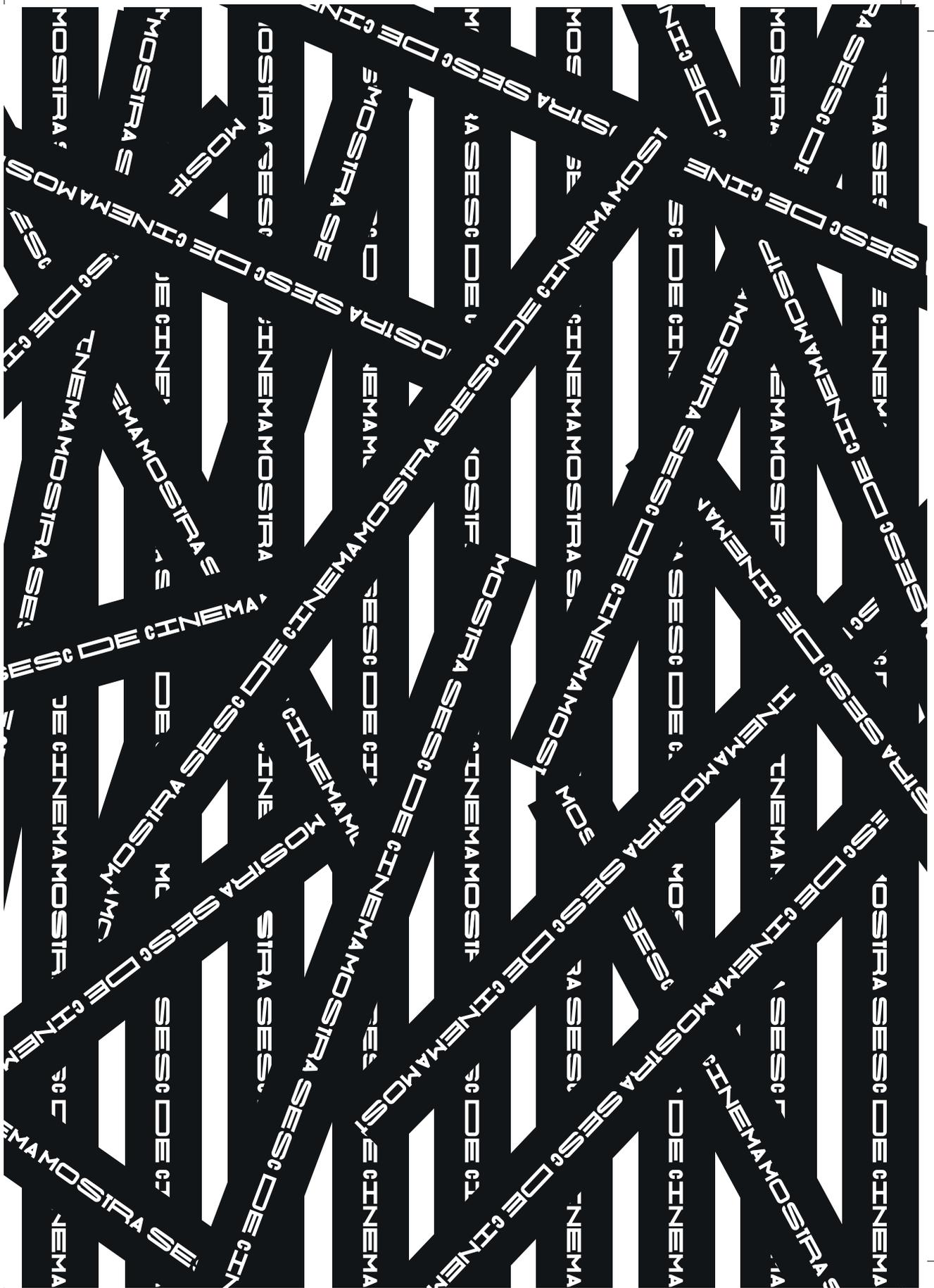
Dentre as diversificadas áreas de atuação do Sesc, a cultura se caracteriza como democrático disseminador de conhecimento, importante ferramenta para a educação e a transformação da sociedade, levada ao público de grandes e pequenas cidades por meio da itinerância de espetáculos, exposições e mostras de cinema.

Com o objetivo de promover a difusão da produção cinematográfica nacional que não chega ao circuito comercial de exibição, a **Mostra Sesc de Cinema** pretende contribuir para o campo audiovisual como um espaço de lançamento, debate e promoção de artistas brasileiros.

Ao possibilitar o livre acesso aos movimentos culturais, no cinema e também nas artes plásticas, no teatro, na literatura ou na música, o Sesc incentiva a produção artística, investindo em espaço e estrutura para apresentações e exposições, mas, acima de tudo, promovendo a formação e a qualificação de um público que habita os quatro cantos do Brasil.

Sesc | Serviço Social do Comércio





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PROGRAMA 1. REGIÃO NORTE	10
A BESTA POP	15
O CÉU DOS ÍNDIOS DESÂNA E TUIUCA	16
CHAMANDO OS VENTOS: POR UMA CARTOGRAFIA DOS ASSOBIOS	17
FRANCISCO	18
NO RIO DAS BORBOLETAS	19
VOZES DA MEMÓRIA	20
PROGRAMA 2. REGIÃO NORDESTE	22
AQUELES DOIS	28
AURORA	29
ESTRANGEIRO	30
ILHA	31
MATEUS	32
ORIN: A MÚSICA PARA OS ORIXÁS	33
RASGA MORTALHA	34
TIPOIA	35
PROGRAMA 3. REGIÃO CENTRO-OESTE	36
ENTRE PARENTES	40
GUARÁ	41
MAJUR	42
A PRAGA DO CINEMA BRASILEIRO	43

QUILOMBO MATA CAVALO	44
PARQUE OESTE	45
PROGRAMA 4. REGIÃO SUDESTE	46
DA CURVA PRA CÁ	52
DO OUTRO LADO	53
FABIANA	54
JÉSSIKA	55
NAVIOS DE TERRA	56
PLANO CONTROLE	57
PROGRAMA 5. REGIÃO SUL	58
ABRINDO AS JANELAS DO TEMPO	63
ALMOFADA DE PENAS	64
CATADORA DE GENTE	65
EULLER MILLER ENTRE DOIS MUNDOS	66
ISSO ME FAZ PENSAR	67
QUANDO AS COISAS SE DESMANCHAM	68
PROGRAMA 6. PANORAMA INFANTO JUVENIL	70
A CÂMERA DE JOÃO	78
CLANDESTINO	79
CRAVO, LÍRIO E ROSAS	80
HORNZZ	81
ICAMIABAS	82
LILY'S HAIR	83
O MALABARISTA	84
PARDA	85
POÉTICA DE BARRO	86
VIVI LOBO E O QUARTO MÁGICO	87

APPRE-
SEN-
TAÇÃO

A Mostra Sesc de Cinema chega a sua terceira edição fiel ao princípio de promover a difusão de obras cinematográficas que estão fora do mercado exibidor brasileiro. Com representantes das cinco regiões do país, a mostra procura ampliar o acesso da população a uma filmografia que expresse a diversidade da produção nacional contemporânea.

Nesta edição, 1.200 filmes foram inscritos, oriundos de lugares os mais diversos do Brasil. Desse total, 390 filmes foram selecionados para serem exibidos em três panoramas: o Brasil, o infantojuvenil e o estadual. Somente a Região Norte não terá panoramas estaduais e sim um único panorama regional.

Os filmes selecionados para os panoramas Brasil (32 filmes) e infantojuvenil (10 filmes) serão exibidos em todo o território nacional, enquanto os selecionados para os panoramas estaduais e regional norte (348 filmes) ficarão circunscritos apenas nessas localidades.

Este catálogo faz questão de preservar a divisão dos filmes por região para que o público possa vê-los sem perder a oportunidade de contemplar as diferenças existentes entre eles e para ser coerente ao princípio de equidade geográfica da mostra. Cada região traz suas cores e seus trejeitos, e pelos olhos e pelas lentes de nossos realizadores somos impulsionados a ver para além do nosso espelho e convidados a mergulhar no outro.

Ao vivenciar a mostra em sua diversidade de temas e lugares ratificamos a ideia de que o cinema pode ser um caminho possível para se levantar discussões. A Mostra Sesc de Cinema se apresenta como um vigoroso instrumento de fomento de obras e de diálogos entre as pessoas.

1.

PRO-
GRAMA

REGIÃO
NORTE

O cinema da Região Norte do país é um acontecimento, no sentido estrito da palavra. Ele se realiza com recursos escassos, muitas vezes, independente das políticas públicas e dos incentivos à produção. Mas os filmes acontecem, seguem e seguirão acontecendo, porque os realizadores criam seus próprios mecanismos. Nos sete estados observamos a latência do audiovisual permeando não só o contexto político urgente do país, mas traçando paralelos vigorosos com seu próprio contexto sociocultural abrangente à vasta gama de possibilidades que a linguagem do cinema tem a oferecer. Desde documentários, animações e híbridos que imprimem uma marca única, destaca-se também o cinema de gênero. A força coletiva dessas produções rompe as barreiras interestaduais e conecta toda essa pungente produção, rica de símbolos e significados próprios, que adentra camadas de um Brasil que tem muito a ser experienciado.

“Quem conserta o mundo depois do caos?” é um questionamento que *A besta pop*, longa *cyberpunk* paraense, dirigido pelo trio Artur Tadaiesky, Fillipe Rodrigues e Rafael B. Silva, faz nos seus primeiros minutos. Um vivaz mergulho jovial no futuro distópico de uma Belém atormentada pelos fantasmas de um passado que acontece neste instante, no nosso presente. Mergulhado em um contexto bélico desastroso de uma pós-Terceira Guerra Mundial e ainda sob a iminência de uma Quarta Guerra, reverbera em nosso próprio tempo. A estética retrô das luzes neon, a montagem dinâmica e a estética da fita magnética/imagem entrelaçada nos convida à nostalgia dos videoclipes do início da MTV Brasil. Porém a roupagem é nova, e o visual dos personagens suscita o k-pop sul-coreano, enquanto o sistema escolar militarizado lembra o rigor norte-coreano, um conflito de dualidades que permeia todo o filme, visualmente e conceitualmente. A degradação humana e a alta

tecnologia, características da cultura *cyberpunk*, também se fazem presentes no olhar para a cidade, na marginalização e na interação dos corpos que transitam naqueles espaços e reverberam a sociedade que se desintegra a cada *frame* nos efeitos borrados dos pixels da câmera analógica da personagem principal.

Uma casa de palafita e a força dos corpos femininos de ribeirinhas que transitam pelo rio e pela selva. *No rio das borboletas*, dirigido por Zeudi Souza, revela a imponência de duas forças sublimes: a feminina e a natureza selvagem, ambas inseridas no contexto cultural das ribeirinhas amazônicas, que têm os alagadiços e os rios como barreira diária. Viver sob essas condições implica uma série de dificuldades, uma delas a de locomoção, abordada com sutileza pelo filme. Com a mãe doente, três filhas precisam sair do isolamento e enfrentar as perigosas águas do rio Amazonas para levá-la ao hospital. Planos sensíveis e fechados que nos aproximam da crescente tensão das personagens são contrastados por planos abertos os quais ampliam a dimensão da natureza que ocupa todo o espaço, até quando não a vemos, sabendo que o rio está debaixo do assoalho da casa, que resiste firme ao ambiente dominado pela água, assim como suas personagens.

Do mesmo modo que a água debaixo do assoalho, também não podemos ver o vento. Mas podemos ouvi-lo e senti-lo. *Chamando os ventos: por uma cartografia dos assobios* nos apresenta uma prática perpetuada há séculos e que habita o imaginário de diferentes culturas. É o elemento ar que se desloca, e só podemos enxergá-lo quando este interage com a matéria. Dirigido por Marcelo Rodrigues, o documentário poético e minimalista aposta no conceito do vento que gera e alimenta o movimento, ou, se permitem o neologismo inspirado

em Guimarães Rosa, o movivento – o movimento dos ventos. O amálgama perfeito entre imagem e as diferentes sonoridades para evocar o vento extrapola as fronteiras geográficas da Região Norte e adentra o Centro-Oeste. Depoimentos em *off* potencializam e cartografam não só os assobios sob o espectro de diferentes culturas locais, mas de belas fotografias em movimento as quais apontam uma escolha estética que pretende menos superfície e mais céu, o contato etéreo com a natureza e alcançar a não forma mais genuína do vento nas nuvens.

Menos superfície e mais estrelas. *O céu dos índios* tangencia um assunto caro à Região Norte. Os povos indígenas, que têm sido tema recorrente na cinematografia brasileira recente dos “filmes de urgência”. O documentário de Flávia Abtibol e Chicco Moreira, no entanto, opta por adentrar uma especificidade cultural que agrega observação, lógica e misticismo: a simbologia das estrelas na perspectiva das etnias Desâna e Tuiuca, do Amazonas. Assim como *O chamado dos ventos: por uma cartografia dos assobios*, há um importante registro que reafirma a tradição milenar de vários povos ancestrais que se guiavam pelas estrelas e tinham estudos avançados em astronomia. De maneira didática, o filme acompanha o processo de uma oficina para crianças, oferecida pelo Desâna Jaime Diákara, que repassa o que ele chama de “ensinamentos ancestrais” para os mais jovens.

A reafirmação cultural é também o eixo central do documentário rondoniense *Vozes da memória*, dirigido por Raissa Dourado. Fruto de uma pesquisa minuciosa, o filme explora aspectos históricos que influenciaram na formação cultural da capital Porto Velho, coletando fragmentos em arquivos e entrevistas com personagens que recontam aspectos importantes dessa história. “Quem escuta a voz da cidade?”

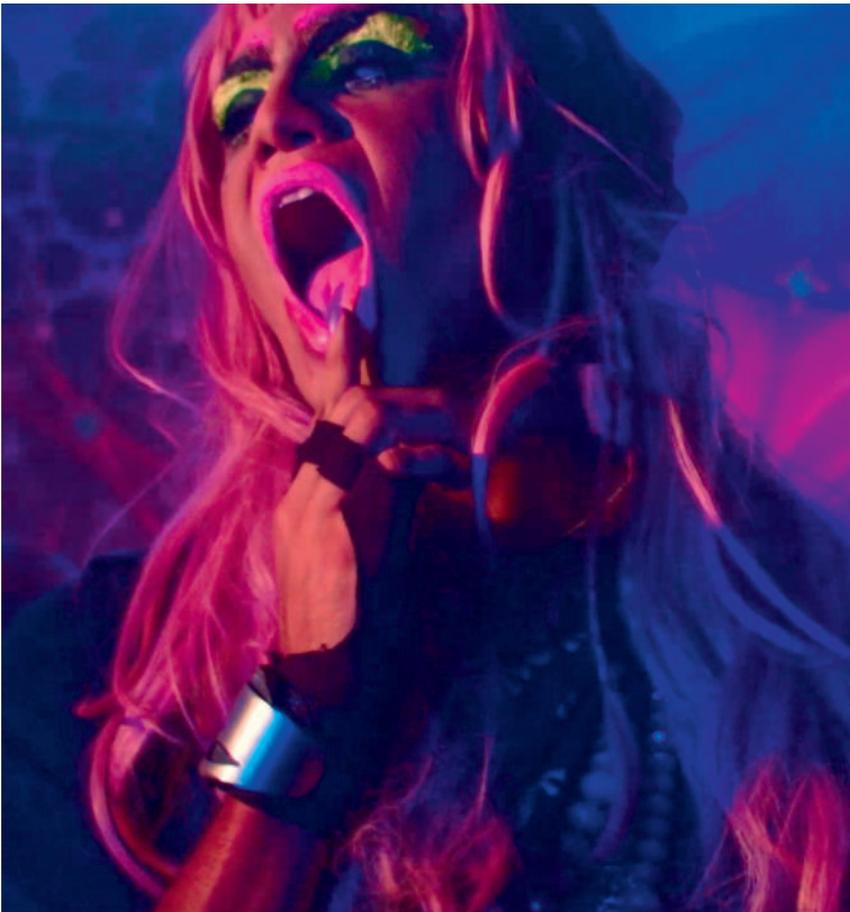
/ Quem ainda acredita nas lendas dos deuses colonizadores? /
Demolidores que confundem lucro com sustento / Eles que nem vivem
aqui / Eles que nem moram aqui / Ficam de longe porque não aguentam
o nosso mormaço.” Trecho da poesia “Mormaço”, de Elizeu Braga, que
logo no início do filme funciona como um catalisador sociopolítico
para contrabalancear os custos da colonização com o romantismo da
simples fusão da cultura eurocêntrica dos colonizadores.

Colonização que deixou marcas profundas e feridas abertas. *Francisco*,
curta acreano de Teddy Falcão, é, entre os selecionados da Região
Norte, o que levanta a questão de o que é ser negro no Brasil e
estabelece forte conexão temática com os selecionados de outras
regiões. Um filme híbrido que mistura ficção e falso documentário,
que aborda com sensibilidade a descoberta do pertencimento e as
consequências severas de um crime de ódio racial para uma criança. O
silêncio do personagem, melancólico e sempre reflexivo, reforça a ideia
do trauma, sobreposto pelas camadas em que Francisco explora seu
próprio corpo e fixa as raízes da sua identidade. É no amadurecimento
da descoberta que se descortina o depoimento em que o personagem
relata seu trauma e consegue verbalizar toda sua angústia em
forma de denúncia.

A BESTA POP

Em um futuro distópico durante o último dia que antecede o apocalipse, em meio à implementação de um governo totalitarista, fanatismo religioso e a alienação da sociedade, um grupo de jovens decide burlar o toque de recolher como modo de escapismo do tédio de suas vidas. Eles têm seus caminhos entrelaçados no melhor lugar para estar no fim do mundo, na festa A Besta Pop.

BELEM - PARÁ



81MIN
LONGA-METRAGEM,
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 16 ANOS

DIREÇÃO
Artur Tadaiesky, Fillipe
Rodrigues e Rafael B. Silva

ELENCO
Leoci Medeiros, Gabriel
Antunes, Cassio Di Freitas,
Yuri Granha, Kazu Ishizaki,
Marvin Muniz, Marcelo
Nunes e Valéria Lima, Eliane
Flexa, Ysiadnne Ribeiro,
Rafaella Cândido e
Joyce Kursino

PRODUÇÃO EXECUTIVA
João Luciano, Tamires
Cecim e Jorane Castro

ROTEIRO
João Luciano, Arthur Alves,
Haniel Zarath, Rafael B.
Silva e Tamires Cecim

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Tamires Cecim e
Thamires Rafael

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Silas Sousa

DIREÇÃO DE ARTE
João Luciano

SOM DIRETO
Michael Barra

MONTAGEM
Rafael B. Silva e
Artur Tadaiesky

EFEITOS ESPECIAIS
Bruno de Assis, Luca
Porpino e Nicolas Dias

TRILHA SONORA
Adriano Muniz

O CÉU DOS ÍNDIOS DESÂNA E TUIUCA

O documentário de média-metragem *O céu dos índios Desâna e Tuiuca*, dos diretores Flávia Abtibol e Chicco Moreira, empreende uma verdadeira aventura por rios amazônicos para tentar desvendar os vestígios de um saber pouco conhecido pelos brasileiros: a astronomia indígena produzida por duas etnias amazônicas. Os Desâna e Tuiuca dominam o conhecimento do céu como saber complementar às suas vidas na terra. Este olhar peculiar estabelece uma relação de cumplicidade entre a terra e o céu que a cultura ocidental tem dificuldades em firmar. Por meio da observação, os índios utilizam as Constelações do Homem Velho, da Ema, da Surucucu, para plantar, migrar, caçar, pescar. Um conhecimento que vem sendo esquecido pelas novas gerações.

MANAUS - AMAZONAS

26MIN
MÉDIA-METRAGEM,
DOCUMENTÁRIO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Flávia Abtibol e
Chicco Moreira

ELENCO
Jaime Diákara

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Chicco Moreira

PRODUÇÃO
Zeumar Z1

ROTEIRO
Flávia Abtibol

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Chicco Moreira e
Zé Monteiro

DIREÇÃO DE SOM
Reldson de Paula

MONTAGEM
Flávia Abtibol

PESQUISA
Jaime Diákara



CHAMANDO OS VENTOS: POR UMA CARTOGRAFIA DOS ASSOBIOS

Chamando os ventos: por uma cartografia dos assobios é um documentário sobre a ação imaginária de chamar os ventos por meio de assobios, uma dinâmica que envolve entretenimento, ancestralidade, afetividade e memória.

BELÉM - PARÁ



14MIN
CURTA-METRAGEM,
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Marcelo Rodrigues

ROTEIRO E DIREÇÃO
DE FOTOGRAFIA
Marcelo Rodrigues

PRODUÇÃO
Nara Reis

DESENHO DE SOM
André Mardock
Marcelo Rodrigues

ANIMAÇÃO
Victor Almeida

FRANCISCO

Francisco tenta viver a sua vida longe de tudo o que lhe faz lembrar um episódio específico na sua infância: a morte do pai, que fora vítima de um crime de ódio difícil de superar. Mas ao encontrar documentos antigos em arquivos velhos em casa, passa a entender o seu papel como homem negro e a importância da luta contra o racismo no Brasil.

20MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Teddy Falcão

ELENCO
Matheus Brandão, Ryan da
Silva Pedrosa, Maria José
da Silva, Marilza Brás,
Ivan de Castela

ROTEIRO
Teddy Falcão

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Deyse Cruz Noronha

DIREÇÃO DE ARTE
Lara de França

PRODUÇÃO DE ELENCO
Renan Praxedes

PRODUÇÃO
Priscila Cristina

SOM DIRETO E
EDIÇÃO DE SOM
André Ferreira

MONTAGEM E PESQUISA
DE TRILHA MUSICAL
Teddy Falcão

RIO BRANCO - ACRE



NO RIO DAS BORBOLETAS

Uma escolha, uma consequência. Quando duas irmãs ficam em um impasse se vão ou não em busca de ajuda para a mãe enferma, a decisão muda para sempre o destino de quatro mulheres: Erasmia e Dorian, as duas capazes de decidir; Kallima, irmã mais nova, é autista e vive em um mundo à parte, e Rosa, impotente, só aceita a decisão de embarcarem em uma canoa em busca de ajuda.

MANAUS - AMAZONAS



21MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 14 ANOS

DIREÇÃO
Zeudi Souza

ELENCO
Antônia Vilapouca,
Erismar Fernandes,
Tiziane Virgílio,
Patrícia Cajueiro

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Rachel Lyra,
Zeudi Souza e
602 Filmes

ROTEIRO
Zeudi Souza

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Claudilene Siqueira

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Yure Cesar

DIREÇÃO DE ARTE
Oscar Ramos

PREPARAÇÃO DE ELENCO
Zeudi Souza

DIREÇÃO DE SOM
Cláudio Lavor

MONTAGEM
Flávia Abtibol

VOZES DA MEMÓRIA

Vozes da memória, por meio do registro audiovisual, mostra o olhar contemporâneo da história a partir das vozes da periferia, da juventude, dos artistas, das comunidades indígenas, dos ribeirinhos e imigrantes.

33MIN
MÉDIA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO

Raissa Dourado

ELENCO

Carlos Macedo, Bado, Euro Tourinho, Bailarina da Praça, Bainha, Berto Bertagna, Eunilson Ribeiro, Carmênio, Márcia Mura Poesia "Mormaço", Elizeu Braga

PRODUÇÃO

Carol Allen, Rafael Barros, Amanara Brandão, Suelen Rodrigues e Francine Marie

MONTAGEM

Michele Saraiva

SOM DIRETO

Suelen Rodrigues

FOTOGRAFIA

Raíssa Dourado, Neni Glock e Isaque Nascimento

DRONE

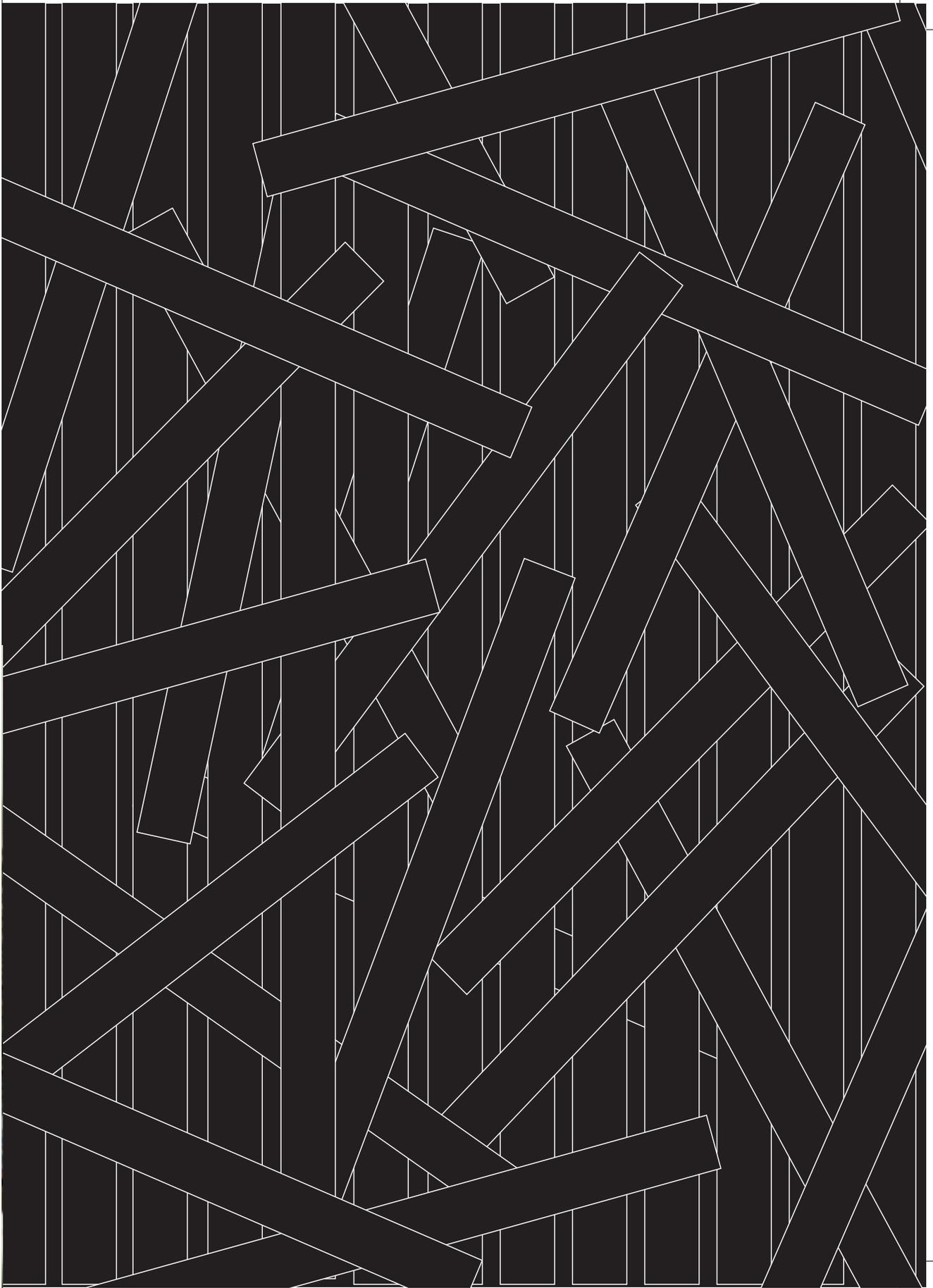
Gabriel Almeida

IMAGENS DE ARQUIVO

Evandro Lima, Euro Tourinho, Sáimon Rio e Neni Glock

PORTO VELHO - RONDÔNIA





2.

PRO-
GRAMA

REGIÃO
NOR-
DESTE

O Nordeste é a maior das cinco regiões geopolíticas do país, com nove estados ao todo, o que já estabelece em si uma ampla diversidade de conteúdos e temas apresentados. Os oito filmes selecionados para o Panorama Brasil sintetizam muito das temáticas mais recorrentes nos filmes inscritos em todo o país.

É notória a preocupação de alguns realizadores em reafirmar — em alguns casos até de resgatar mesmo — tradições de sua rica cultura popular. *Mateus, Rasga Mortalha* e *Orin: a música para os orixás* são exemplos dessa vertente temática. *Mateus* (PE), dirigido por Dea Ferraz, aposta em um divertido *road movie* mambembe, uma busca simbólica por nossas tradições perdidas que lentamente estão desaparecendo de nossos cotidianos. Mas o filme não se satisfaz em apenas endossar as práticas tradicionais dos cavalos-marinhos; também arrisca algumas críticas e propõe atualizações, como a participação das mulheres nas brincadeiras (tradicionalmente, os homens fazem os papéis femininos, como o da Catirina). A leveza narrativa do filme, com dois palhaços realizando a procura por Mateus (personagem central do folguedo), e os encontros com os mestres que mantêm a duras penas essa alegre tradição cultural popular são pontos altos dessa empolgante obra. Muitos, depois de assistir ao filme, vão querer entrar naquele velho fusquinha da carismática dupla de palhaços e sair pelas estradas em busca de outros Mateus.

Já *Orin: a música para os orixás* (BA), dirigido por Henrique Duarte, está sustentado em uma pesquisa muito cuidadosa sobre um dos aspectos mais importantes do candomblé, as suas músicas (cantigas), em especial os tambores que representam a alma desse belo ritual assentado por uma cultura ancestral. A música é apresentada por

quem mais a conhece, os músicos, com suas vivências e saberes postos para além do conhecimento teórico e puramente acadêmico. Em *Orin: a música para os orixás*, as heranças afro estão colocadas integralmente como protagonistas sociais e culturais; assistimos ao processo sendo narrado de dentro para fora, de modo a ficarmos envolvidos pelo tema. Mais baiano que isso impossível.

Rasga mortalha (PB), dirigido por Patrícia de Aquino, retrata bem as lendas e as credices típicas das cidades do interior nordestino. O título refere-se a uma coruja típica da região e conhecida como símbolo do mau agouro. A atuação perturbadora do ator Buda Lira valoriza a trama fantasmagórica proposta pelo filme. A religiosidade católica serve de moldura para a sedimentação das narrativas populares. Há um cuidado precioso na direção de arte, muito atenciosa em imprimir detalhes e pormenores que reconstituem com eficácia os ambientes. No todo, *Rasga mortalha* nos traz uma história popular, um conto cinematográfico academicamente bem narrado e fotografado, um suspense mórbido e profundamente expressivo da região nordestina.

Um dos temas mais presentes na atual cinematografia brasileira é a da luta contra o racismo, que se coloca não só pelo viés político do combate às suas formas cotidianas, mas também por propostas afirmativas advindas da valorização cultural da diáspora africana. *Orin: música para os orixás* é um desses casos, mas existem outros que podem ser aqui acrescentados.

Aurora (SE), dirigido por Everlane Moraes, é um exemplo mais do que perfeito de uma construção imagética híbrida impregnada pela afirmatividade etnorracial. *Aurora* é um documento iconográfico e

sensitivo que se impõe a partir da presença do corpo negro como um espelho revelador de memórias e histórias. Uma videoarte mesclada a uma proposta de documentário observacional, com uma abordagem transbordante em delicadeza e um silêncio que inspira à reflexão, amparados por uma estética em preto e branco que valoriza o negro como elemento pictórico. O minimalismo do cenário amplia ainda mais o protagonismo dos três corpos femininos expostos à nossa contemplação. A inserção musical, cantada por uma das personagens corta lancinantemente os poucos sons existentes no filme, para reafirmar o papel de resistência e afirmatividade da música negra. Mais do que enfatizar o aspecto simbólico, a música é apreciada em *Aurora* a partir de sua incontestante e potente presença física.

Ainda no viés dos corpos negros, temos em *Ilha* (BA), dirigido pela dupla Ary Rosas e Glenda Nicácio, um expoente bombástico, embora o filme não se resume tão somente a refletir sobre os corpos. Mas é a relação social do cinema o grande protagonista dessa história, em especial o do cinema independente e negro. Qual o lugar do cinema frente às temáticas? E a linguagem, qual o seu lugar dentro de uma obra? Uma das questões centrais no filme é a da acomodação artística como um desafio permanente para os artistas. Mas se explora ainda uma relação e uma discussão acerca da subjetividade no cinema, de como ele se engaja no jogo cinematográfico. A referência metalinguística se configura como um mote do início ao fim de *Ilha*, sendo a ilha uma metáfora sobre o cinema como autorreferência. Há uma ousadia nesse filme, que consegue mesclar, engenhosamente, inventividade e beleza estética. Embora seja baiano, vale ressaltar o emocionante momento intimista da canção-hino do Clube da Esquina mineiro.

A discussão sobre o empoderamento dos corpos, sua política afirmativa e como ela impacta na sociedade contemporânea é um dos princípios que movem o filme *Aqueles dois* (CE), documentário onde a vida de dois transgêneros é abordada. Logo na primeira cena vemos dois corpos pelados entrando em um rio, o que evidencia que é sobre corpos que o filme vai tratar. E de forma alguma eles se encaixam nos padrões de beleza estabelecidos, um deles é obeso e essa informação tem uma relevância incontestável. O diretor Émerson Maranhão encara o tema da aceitação social desses corpos com franqueza e o discurso escolhido é o direto. Inteligentemente, constrói cenas dúbias, onde imagem e narração *off* se contradizem, como a da mãe discursando que Caio jamais será um homem porque Deus o fez como mulher, embora a imagem masculina dele sempre reafirme o contrário. A própria existência e presença corpórea, nesse caso, adquire um poder imensurável.

Mas o corpo pode expressar bem mais do que muitas vezes imaginamos. Seu poder simbólico é infinito e ilimitado. Em *Tipoia*, dirigido por Paulo Silver, ele representa uma poderosa metáfora, a da impotência. O próprio diretor vive o papel do protagonista, um jovem profissional do cinema que após sofrer um acidente de bicicleta fica impossibilitado de trabalhar. Há elementos cênicos precisos, bem articulados que potencializam cada cena do filme. Os dispositivos eletrônicos, como televisão, celular e *notebook* são ativados para nos inserir no contexto político da realização do filme, no caso o então Governo Temer. Ao fundo, e às vezes em *close*, notícias sobre a reforma trabalhista, da previdência, da censura às artes, denúncias de corrupção no alto escalão do governo pipocam sem parar. *Tipoia* consegue com uma habilidade estarrecedora estabelecer vínculos surpreendentes entre o seu imobilismo enquanto acidentado e nós

espectadores que ouvimos as notícias do fim de diversos direitos trabalhistas e sociais. Essa é a força inestimável desse curta, a de mostrar que a impotência do protagonista simboliza a nossa própria perante a realidade social e política que vivemos.

E por falar da capacidade do cinema em estabelecer relações simbólicas com o mundo, chegamos em *Estrangeiro* (PB), obra dirigida por Edson Lemos Akatoy, cuja força vem de sua imensa poesia imagética e sonora. O filme precisa ser visto com todos os sentidos antenados e despertos ao nos mergulhar em um universo de sensações em vez de nos solidificar certezas. As incertezas de sua personagem são muitas, sobre seus sentimentos para com o passado, com as pessoas e com sua sensação de ser estrangeiro em qualquer lugar em que se esteja. Essa ambiguidade nos arremessa em um mar de imprecisões que não serão saciadas (o que é interessante, por transferir para a subjetividade do espectador às respostas ou até mesmo a formulação de novas perguntas), todas contaminadas por uma poesia ilimitada. Há em *Estrangeiro* um apego à natureza, uma rendição às extensas paisagens que amplificam uma sensação de solidão e desamparo. Todavia, é justamente esse desamparo o que mais conecta o filme ao nosso mundo de hoje, tão marcado pelo engajamento de pautas urgentes. Há sim uma urgência de que paremos com tudo e mergulhemos em nós mesmos, e essa pode ser uma reflexão importante proposta pela obra. O tempo estendido e o ritmo sereno das cenas nos convidam a uma atmosfera de contemplação. E quem embarcar nela viverá uma experiência sensorial e profundamente humana que só o cinema consegue nos proporcionar.

AQUELES DOIS

Caio José tem 25 anos e é enfermeiro. Kaio Lemos tem 38 e é pesquisador acadêmico. Eles têm boa formação intelectual, amigos e família, e em nada se diferenciam dos tantos rapazes que vivem realidades similares, não fosse pelo fato de serem homens transgêneros.

FORTALEZA - CEARÁ

15MIN
CURTA-METRAGEM, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 12 ANOS

DIREÇÃO
Émerson Maranhão

ELENCO
Caio José e Kaio Lemos

ROTEIRO
Émerson Maranhão

PRODUÇÃO
Allan Deberton e
Natasha Silva

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Breno César

MONTAGEM
P. H. Diaz

DESENHO DE SOM
Érico Paiva "Sapão"



AURORA

No palco de um teatro destruído assistimos a uma peça teatral em que Elizabeth, Mercedes e Crisálida, três mulheres negras em diferentes etapas da vida, revivem tudo o que sofreram com a interpretação de seus próprios conflitos na forma de monólogos interiores.

ARACAJU - SERGIPE



15MIN
CURTA-METRAGEM,
DOCUMENTÁRIO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO

Everlane Moraes e
Tatiana Monge

ELENCO

Elizabeth Fuentes, Mercedes
Rodríguez e Crisálida Páez

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Matheus Mello e
Tatiana Monge

ROTEIRO

Everlane Moraes

EMPRESA PRODUTORA

Escuela Internacional
de Cine y TV

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Pablo Ascanio

MONTAGEM

Elena Cedeño

SOM DIRETO

Bianca Martins

DIREÇÃO DE ARTE

Everlane Moraes

ESTRANGEIRO

Estrangeiro é uma viagem sensorial e poética pelas memórias de Elisabete (Cecilia Retamoza), uma jovem mulher que viveu sua infância na paradisíaca praia de Tabatinga, no Nordeste do Brasil. Devido a um misterioso trauma, Elisabete abandonou seu lar e nunca mais permaneceu em um só lugar. Aos trinta anos, ela anseia por uma identidade. Elisabete não se sente confortável em sua própria pele, uma estrangeira em seu mundo.

115MIN
LONGA-METRAGEM,
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 14 ANOS

DIREÇÃO

Edson Lemos Akatoy

ELENCO

Cecilia Retamoza e Bruna Belmont

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Edson Lemos Akatoy

ARGUMENTO

Edson Lemos Akatoy e Ana Aragão Batista

ROTEIRO E MONTAGEM

Edson Lemos Akatoy

PRODUÇÃO

Edson Lemos Akatoy e Uégyillys Keyllor

PREPARAÇÃO DE ELENCO

Jamila Facury

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Raphael Aragão, Julia Sartori e Charliane Rodrigues

DIREÇÃO DE ARTE

Thalita Sales

SOM DIRETO

Janaína Lacerda, Leonardo Gonçalves e Charliane Rodrigues

JOÃO PESSOA - PARAÍBA



ILHA

Emerson, um jovem da periferia, quer fazer um filme sobre a sua história na Ilha, lugar onde quem nasce nunca consegue sair. Para isso, ele sequestra Henrique, um premiado cineasta. Juntos, eles reencenam a própria vida, com algumas licenças poéticas. O plano começa e a partir de então não há mais limites, afinal, cinema também é jogo.

MURITIBA - BAHIA



92MIN
LONGA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 16 ANOS

DIREÇÃO
Ary Rosa e
Glenda Nicácio

ELENCO
Aldri Anunciação, Renan
Motta, Thacle de Souza,
Valdinéia Soriano, Arlete
Dias, Aline Brune, Sérgio
Laurentino e Ridson Reis

ROTEIRO E DIREÇÃO
EXECUTIVA
Ary Rosa

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
E CÂMERA
Augusto Bortolini, Poliana
Costa e Thacle de Souza

DIREÇÃO DE ARTE
Glenda Nicácio

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Thamires Vieira

DIREÇÃO DE SOM
Ary Rosa e Rafael Beck

SOM DIRETO
Napoleão Cunha

MONTAGEM
Poliana Costa e
Thacle de Souza

MATEUS

Dois palhaços. Uma estrada. Muitos encontros. Jurema e Bandeira sobem em um Fusca 78 a caminho da Zona da Mata nordestina, em busca dos palhaços da cultura popular: os Mateus, dos grupos de cavalo-marinho, companheiros da brincadeira de fazer sorrir.

80MIN
LONGA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Dea Ferraz

ELENCO
Cláudio Ferrario, Odília Nunes, Martelo, Mocó, Seu Luis e Zé de Bibi

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Fernanda Ferrario e Dida Maia

ARGUMENTO
Dea Ferraz

ROTEIRO
Dea Ferraz e Bia Baggio

PRODUÇÃO
Carol Vergolino
Claudio Ferrario
Dida Maia
Dea Ferraz
Fernanda Ferrario
Neusa Rodrigues

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Leo Crivellare e Marcelo Lacerda

SOM DIRETO
Rafa Travassos (Sound8)

MONTAGEM
Bia Baggio

RECIFE - PERNAMBUCO



ORIN: A MÚSICA PARA OS ORIXÁS

Os cantos e ritmos tocados nos terreiros de candomblé tiveram grande influência na construção rítmica de diferentes gêneros da música popular brasileira, como samba, baião, axé *music* e *funk* carioca. Orin é o nome iorubá dado às cantigas sagradas do candomblé, que têm o papel de fazer a comunicação entre o mundo material e o espiritual. O documentário longa-metragem mostra a trajetória de Iuri Passos, professor de atabaque no terreiro do Gantois, em Salvador, e primeiro alabê a conquistar o título de mestre em etnomusicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Praticantes da religião, pesquisadores e artistas como Mateus Aleluia, Letieres Leite, Gerônimo Santana e Gabi Guedes falam sobre a resistência dessa tradição musical e sua relação com a dança, transe e mitologia dos orixás.

SALVADOR - BAHIA



73MIN
LONGA-METRAGEM,
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO

Henrique Duarte

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Daniela Duarte e Letícia Campos

PESQUISA, ROTEIRO E MONTAGEM

Henrique Duarte

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Henrique Duarte e Yuri Rosat

SOM DIRETO

Albano Moura e Letícia Campos
Thiago Brandão

ENTREVISTADOS (POR ORDEM DE APARIÇÃO)

Dona Cici, Mateus Aleluia, Gilmar Sampaio, Leonardo Jones (Tagun), Iuri Conceição, Iuri Passos, Carlos Átila, Ulisses De Jesus, Alexandre Melo (Fão Sogbôsi), Gerônimo Santana, Letieres Leite, Tadeu Mascarenhas, Bira Marques, Gabi Guedes, Rychelmy Imbiriba (Esutobi), Angela Luhnig, Gilmar Tavares, Valmir Pereira, Gerson Costa (Bié), Áureo de Oliveira, João Paulo Santos, Ari Lima, Rossival Mascarenhas, Jau Santana, Nem Cardoso, Lazaro Erê, Rone Dumdum, Guilherme Chiba

RASGA MORTALHA

Com base na lenda da “Rasga Mortalha”, o filme conta a história de Seu Arlindo — um senhor que vive no interior da Paraíba —, que passa a ouvir os rumores da vizinhança e os barulhos da coruja agourenta. Preocupado com a situação, Seu Arlindo passa a acreditar que a coruja está matando as pessoas do município. Assim, ele planeja a captura da ave para acabar de vez com a tristeza da população local.

SÃO DOMINGOS - PARAÍBA

15MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Patrícia de Aquino

ELENCO
Buda Lira, Fabio Campos,
Wenia Medeiros, Beti
Rodrigues, Magna Fontes,
Sebastião Rodrigo e
Raone Santos

ROTEIRO
Patrícia de Aquino

PRODUÇÃO
Beatriz Lindberg

DIRETOR DE FOTOGRAFIA
João Carlos Beltrão

DIREÇÃO DE ARTE
Carlos Mosca

**MONTAGEM E
DESENHO DE SOM**
Ely Marques



TIPOIA

Paulo está com seus movimentos reduzidos por uma tipoia e se sente impotente por isso. Mas será ele a única pessoa a se sentir impotente no Brasil de 2016?

MACEIÓ - ALAGOAS



17MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Paulo Silver

ARGUMENTO
Lidiane Bernardino

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Jande Silver, Lidiane Bernardino e Paulo Silver

MONTAGEM
Paulo Silver

MIXAGEM E DESENHO DE SOM
Octávio Lemos|
(Bagaceira filmes)

CONVERSAS
Henrique Oliveira, Laís S. Araújo, Leonardo Amaral, Paulo Silver, Maysa Reis e Nuno Balducci

3.

PRO-
GRAMA

REGIÃO
CENTRO
-OESTE

Nos quatro estados que compõem a Região Centro-Oeste, a temática territorial é sem dúvida a mais recorrente. Questão latente em nosso contexto histórico e atual, aparece de diferentes formas e abordagens, fundindo ainda fortes questões sociais. Ao lado da Região Nordeste, os filmes do Centro-Oeste são os mais ousados em termos de experimentação da linguagem. Obras com capacidade inventiva admirável e que descortinam um importante dado estatístico dessas regiões em paralelo: abrigam estados fora do eixo Rio – São Paulo que mais investem em políticas públicas para o audiovisual, a exemplo de Pernambuco, Bahia e Goiás.

A luta pelo direito à terra aparece como eixo central de *Parque Oeste*, de Goiás, *Quilombo Mata Cavalô*, do Mato Grosso, e *Entre parentes*, de Brasília. Três documentários que com dispositivos distintos registram de forma vigorosa o massacre do latifúndio diante do direito ao sustento e à dignidade de milhares de pessoas.

Entre parentes, de Tiago de Aragão, é um documentário brasileiro que utiliza com primazia a montagem paralela como recurso de linguagem para contrapor a luta dos povos indígenas e o retrocesso parlamentar para as políticas de demarcação de terras em meio à CPI da Funai. A câmera, enérgica, é uma personagem estrategicamente muito próxima aos fatos e nos permite uma experiência de imersão dentro da estética quase sombria do preto e branco dialogando ainda com o tempo em que vivemos. O acampamento indígena montado na Esplanada que reuniu povos de todas as partes do Brasil em contraponto com o ambiente insólito e desigual da Câmara dos Deputados. A força do coletivo e dos saberes e a forte estrutura que sustenta a frágil política do individualismo.

“Saí do luto e fui para a luta” é uma das falas marcantes da personagem Eronilde Nascimento, de *Parque Oeste*, documentário goiano de Fabiana

Assis. Na história de resistência de Eronilde é que se descortina um dos maiores massacres da nossa história recente e o mais desconhecido da maior parte dos brasileiros. Uma ação de extrema violência da polícia no ano de 2005, para desocupar um terreno em Goiânia, que o próprio governo havia incentivado que fosse ocupado. Desabrigou mais de 12 mil pessoas, deixando inúmeros mortos e feridos. Uma das vítimas foi Pedro, marido de Eronilde, a partir do qual o filme de Fabiana demonstra sensibilidade e respeito nos silêncios e distanciamentos precisos ao tratar do sofrimento de inúmeras famílias.

Famílias quilombolas que perderam o direito à terra é o tema do documentário mato-grossense *Quilombo Mata Cavallo*, dirigido por Jurandir Nunes Amaral. Localizado na cidade de Nossa Senhora do Livramento, o terreno de 14,4 hectares é cartografado de forma sensível a fim de nos relatar como os descendentes de ex-escravos que chegaram na região no início do século 19 perderam suas terras para grileiros que se estabeleceram no local entre as décadas de 1940 e 1950. Atento aos detalhes, o registro cuidadoso apresenta fragmentos afetivos do cotidiano das famílias, suas tradições, que remontam aos antepassados por quem guardam respeito e se inspiram para continuar resistindo pela terra que habitam e preservam há mais de 130 anos.

Não obstante a relação com a terra, as relações humanas e o direito e respeito que envolve a opção gênero, esse é o tema, abordado de forma delicada, em *Majur*, documentário mato-grossense dirigido por Rafael Irineu Lacerda. Majur é um indígena LGBTQ+ chefe de comunicação da aldeia Pobore, no interior do estado do Mato Grosso. Alternando momentos observacionais em que a câmera está intimamente integrada à comunidade com depoimentos de Majur, o filme adentra o cotidiano da personagem costurando ainda outros pontos de interesse como

as tradições das comunidades que expandem o tema principal. Os depoimentos em *off* pontuam informações essenciais que revelam o preconceito introjetado na cultura indígena pelo homem branco.

Um lobo-guará empalhado e exposto em frente a um prédio histórico é uma cena perturbadora e cotidiana em Goiânia. Apesar da cena real que é a essência que habita o universo particular de *Guará*, o filme de Fabrício Cordeiro é uma ficção que transita de forma orgânica pelo filme *trash* dos anos 1980 e pela performance em dança. O lobo se manifesta através de um corpo humano vivo, que se converte em uma criatura antropomorfa, a fim de nos convidar a uma experiência observacional única: uma dança sanguinária. O lobo-guará é o símbolo de um dos biomas mais diversos do mundo, o cerrado. E os dois morrem um pouco mais a cada dia, ambos em risco de extinção. A taxidermia como a estética de uma violência que, ao mesmo tempo, é exposta pela ausência de vida, mas por conservar características externas, mantém-se velada. É como o filme está intimamente ligado à nossa história colonialista e de tudo que nos foi e ainda nos é subtraído de forma violenta.

Uma bricolagem marginal apresentada pelo pai do terror *trash* brasileiro, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, *A praga do cinema brasileiro* é um filme de William Alves e Zefel Coff. A obra que faz uma montagem de pequenos trechos de filmes clássicos brasileiros localizados em sua maioria no Cinema Novo e no Cinema Marginal, evocados pela praga que Zé do Caixão lança sobre os políticos corruptos em Brasília. E nos revela com a coerência e lucidez da força de resistência do cinema de um período sombrio, do país mergulhado na ditadura militar, que o passado está muito mais presente do que imaginamos.

ENTRE PARENTES

Um ano após *impeachment* presidencial, Brasília recebe a maior mobilização indígena durante a 14ª edição do Acampamento Terra Livre, no final de abril. Enquanto isso, na mesma Esplanada dos Ministérios que abriga barracas de povos indígenas de todo o Brasil, parlamentares articulam uma agenda de retrocessos à causa indígena. Os parentes não deixarão de lutar.

DISTRITO FEDERAL - BRASÍLIA

28MIN
MÉDIA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Tiago de Aragão

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Ana Paula Rabelo

ROTEIRO
Tiago de Aragão

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Camilla Shinoda

PESQUISA
Camilla Shinoda e
Tiago de Aragão

FOTOGRAFIA
Alan Schvarsberg

SOM
Arthur Egydio

MONTAGEM
Guile Martins



GUARÁ

No cerrado habitam lobos-guarás e bandeirantes.

GOIÂNIA - GOIÁS



21MIN
MÉDIA-METRAGEM
FIÇÃO, 2019
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 12 ANOS

DIREÇÃO
Fabrício Cordeiro e
Luciano Evangelista

ELENCO
Rodrigo Cunha, Tothi
Cardoso, Valeska Gonçalves,
Allan Santana, Juliana
Albuquerque, Marcos
Aurélio Neto, Sidi Leite,
Jônatas Borges,
Telma dos Reis

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Cecília Brito

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Suelen Corsino e
Tothi Cardoso

ROTEIRO E MONTAGEM
Fabrício Cordeiro e
Luciano Evangelista

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Larry Machado

DIREÇÃO DE ARTE
Gabriela Richter Lamas

SOM DIRETO E
DESENHO DE SOM
Vasconcelos Neto

MAJUR

A pedido de Majur, o documentário foi gravado em segredo da família. LGBTQ, o indígena é porta-voz e responsável pela Chefia de Comunicação em uma aldeia no interior de Mato Grosso, com a função de acompanhar, assessorar e traduzir do bororo para o português. A obra mostra um período de sua vida pessoal e profissional.

RONDONÓPOLIS - MATO GROSSO

20MIN
MÉDIA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Rafael Irineu

ELENCO
Majur Margô; River Boo;
Monyca Houston

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Patrícia Ribeiro

CÂMERA E MONTAGEM
Rafael Irineu

SOM DIRETO
Matheus Lazzarin e
Isabelle Almeida

FAIXA MUSICAL
Vem – Jaloo



A PRAGA DO CINEMA BRASILEIRO

O filme se inicia com uma ficção de terror na qual o personagem Zé do Caixão vai ao Congresso Nacional rogar uma de suas famosas pragas. Ao fim da praga, quando bate o seu poderoso tridente no chão, ele liberta filmes “aprisionados pelo Capetal”. A partir de então o curta se utiliza de vários recortes de filmes brasileiros, que datam de 1962 a 1991, ficções e documentários, que foram encadeados a fim de criar uma narrativa que refletisse o Brasil de 2018, num complexo trabalho de pesquisa e montagem.

DISTRITO FEDERAL - BRASÍLIA



27MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
William Alves e Zefel Coff

ELENCO
José Mojica Marins como
Zé do Caixão

PRODUÇÃO EXECUTIVA
William Alves e Zefel Coff

ROTEIRO
William Alves e Zefel Coff

PRODUÇÃO
Karibu Cinema, Kanema
Experimento, Coprodutoras,
Inspira Filmes, Festival e
Taguatinga de Cinema

FOTOGRAFIA
Maninho Ferreira

DIREÇÃO DE ARTE
William Alves

**SOM DIRETO E
TÉCNICO DE SOM**
Elder Miranda Junior

MONTAGEM
Zefel Coff

QUILOMBO MATA CAVALO

No Quilombo Mata Cavalo, quilombolas distribuídos em seis comunidades resistem para preservar seus traços culturais, manter a integração comunitária e conquistar a regularização das terras herdadas de seus ancestrais.

15MIN
CURTA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Jurandir Amaral

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Beatriz Lindenberg

ROTEIRO E PRODUÇÃO
Jurandir Amaral

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Rafael Mazza

TÉCNICO DE SOM
Greco Nogueira

**CONSULTORIA DE
ROTEIRO E DIREÇÃO**
André da Costa Pinto

EDIÇÃO
Fernanda Rondon

PRODUÇÃO
Instituto Marlin Azul

ENTREVISTADOS
Ana Maria Silva,
Natalino da Silva, Antônio
da Conceição, Berenice
do Espírito Santo, Laura
Ferreira, Antônia Silvana,
Pedro Guilherme, Arlete
Pereira e Manoel Domingos

NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO - MATO GROSSO



PARQUE OESTE

Depois de ser vítima de violência do Estado, em Goiânia, Brasil, uma mulher reconstrói sua vida, transformando seu luto em luta.

GOIÂNIA - GOIÁS



70MIN
LONGA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 10 ANOS

DIREÇÃO
Fabiana Assis

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Sertão Films

ROTEIRO
Fabiana Assis, Eduardo
Consonni, Rodrigo T.
Marques

PRODUÇÃO
Fabiana Assis

COPRODUÇÃO
Violeta Filmes e Goyaz Filmes

OPERAÇÃO DE SOM
Guile Martins

MONTAGEM
Eduardo Consoni, Rodrigo T.
Marques

TRILHA SONORA
Edson Secco

IMAGENS DE ARQUIVO
Centro de Mídia
Independente de Goiânia

4.

PRO-
GRAMA

REGIÃO
SUDESTE

O resultado da curadoria Sudeste revelou filmes com um forte conteúdo social, com temáticas prementes e relacionadas diretamente com os nossos dias, como a de gênero (*Jéssika* – RJ e *Do outro lado* – SP), do mundo do trabalho (*Fabiana* – SP), de crimes ambientais das mineradoras e território (*Navios de terra* – MG), de racismo (*Da curva pra cá* – ES) e da distopia política (*Plano controle* – MG). Todos os filmes estão marcados por algum tipo de originalidade em suas abordagens. Apesar de ter apenas quatro estados, o Sudeste concentra quase metade do total das inscrições nacionais. Por isso, não é estranho que as seis obras sintetizem de alguma maneira as discussões presentes em todas as outras quatro regiões.

A temática de gênero pode ser vista como a predominante na escolha da curadoria Sudeste. Em dois filmes, a protagonista é uma mulher trans, e em outro, há uma luta de um homossexual masculino para ser aceito pela sua mãe. Aceitação identitária é o tema central também em *Jéssika*, dirigido por Galba Gogóia, que trabalha a transfobia no seio de uma família no interior de uma cidade nordestina. Passado, presente e futuro se confrontam na narrativa proposta por Galba, onde impera a delicadeza no trato dos personagens. O cuidado com os detalhes é uma marca da direção, que insere pequenas sutilezas de gestos, olhares e objetos que potencializam cada cena do filme. Jorge ou Jéssika? O roteiro enxuto trabalha uma contradição entre palavras e imagens, sendo a presença de Jéssika uma força afirmativa irrefutável. O peso da tradição conservadora é imenso, entretanto pequenas vitórias podem ser cruciais nesse jogo oscilante e perigoso, onde a população trans é morta em uma proporção preocupante no Brasil. O cinema pode se mostrar um importante veículo para trazer discussões e conversas

acerca de temas muito sensíveis, que são considerados ainda tabus morais e sociais.

Mantendo a discussão sobre temas identitários, *Do outro lado*, dirigido pela dupla Bob Yang e Federico Evaristo, aborda a homofobia com uma leveza incomum, sendo a singeleza a maior marca desse curta. Um dos elementos mais instigantes dessa obra é o do não aparecimento da imagem do protagonista, cuja presença é marcada por meio de leituras de cartas à mãe. O tema da aceitação e da reconciliação dá o tom do filme, que aborda os temas com uma suavidade bem característica da cinematografia japonesa. A denúncia do preconceito está ali estampada no filme, as falas são claras e objetivas e a maneira pela qual o Brasil trata a homossexualidade é inserida sem deixar dúvidas. A luta pelos direitos é discutida e defendida, inclusive o quanto a mãe batalhou pelo voto feminino e agora precisa decidir se apoia ou não o casamento homossexual. Tratar com leveza um tema contundente e polêmico é um grande êxito desse *Do outro lado*.

Fabiana, dirigido por Brunna Laboissière, exibe já no título o nome de sua protagonista, o que muito diz sobre o filme, inteiramente voltado para a vida dessa personagem carismática, uma caminhoneira trans que gosta de mulheres, um *road movie* cativante que nos conta sobre a vida simples mas fascinante de Fabiana. O mundo das estradas nos chega por meio desse olhar incomum, as relações pessoais dessa personagem com os filhos, cachos amorosos, amigos e colegas caminhoneiros, um mundo majoritariamente dominado por homens. A direção opta por momentos de pura observação, que são os mais interessantes e preciosos. De imediato, Fabiana tem em vista sua

aposentadoria e uma amiga trans para companhia no que pode ser sua última viagem pelas estradas como caminhoneira. *Fabiana* é antes de tudo uma aventura de celebração da vida.

Em *Da curva pra cá*, dirigido por João Oliveira, o onírico e o sobrenatural se misturam vertiginosamente, a ponto de não sabermos nos situar em relação ao filme. Um trabalho muito voltado para a atmosfera, onde a ambiência sonora funciona como um elemento angustiante e catártico. A história se passa em uma favela no Espírito Santo, mas poderia ser em qualquer outra no país. O som dos programas de variedade, filmes e de notícias jornalísticas vem da televisão, importante objeto cênico por onde nos é insinuada uma presença de universo distópico em meio à realidade da favela. Algo de estranho embriaga as situações vividas pelo protagonista Dudu, um jovem negro inteiramente insatisfeito com sua vida. O perambular labiríntico pelas ruelas da favela soa como uma metáfora da vida difícil pela qual os negros pobres e trabalhadores (Dudu trabalha carregando caixas em um supermercado) encaram seu cotidiano. A tendência à não aceitação de sua condição medíocre, a desorientação espacial e a ausência de pertencimento mundano são representadas por um espelho, cujo reflexo enviesado, expressa o desafio existencial de quem, como Dudu, vive na periferia das grandes cidades.

Ainda mantendo o ambiente distópico, a obra *Plano controle* (MG), dirigida por Juliana Antunes, chega com uma assumida força política ao refletir acerca do Brasil pós-*impeachment* de Dilma Rousseff. Porém o tom adotado pela direção não é nada sisudo, muito pelo contrário, pois o cômico acompanha a trama do início ao fim. Impossível não sentir

o deboche que emana de cada cena do filme. Há uma simetria entre a situação do país e os planos de telefonia que prometem tudo e nada entregam. Assim, o novo serviço de teletransporte de uma companhia telefônica se configura como uma nova enganação. Não que o serviço em si não funcione, apenas ele não atende às expectativas. Por isso, cada teletransporte resulta em uma nova trapalhada e numa renovada risada. As mudanças de épocas também são hilárias, marcadas por famosos programas de televisão ou acontecimentos políticos. No fundo, o que *Plano controle* nos indica é a nossa falta de sentido enquanto civilização, o quão frágil é o nosso processo democrático e cultural. Ao final nos resta então cair no falso encanto proposto pela nossa mídia brega, alienada e cafona, como se fôssemos condenados a viver eternamente em um “paraíso” regido pela música sertaneja.

Navios de terra (MG), dirigido por Simone Cortezão, se caracteriza como um filme extremamente poético com múltiplas possibilidades interpretativas, e esse é o desafio para o espectador, tentar estabelecer conexões em uma obra que se recusa a tal tarefa, a da completude. O filme é disposto em três blocos básicos: os das narrativas míticas, o da viagem de navio e o da chegada à China. O fascínio do homem pelos mistérios das formas rochosas se contrapõe com a ambição desenfreada e destruidora. É nesse ponto que não se pode esquecer o estado de origem da obra, Minas Gerais, suas mineradoras e seus desastres recentes, movidos pela ganância. A diretora consegue imagens impressionantes, um misto de horror e beleza e é nessa dualidade contraditória que *Navios de terra* se constrói. São narrativas de uma civilização que agoniza em sua prepotência no afã da riqueza. O navio é a metáfora dessa ambição e também do deslocamento humano

pelos territórios afastados pelo imenso mar e por onde as riquezas extraídas da terra transitam. É um filme de reconstrução de percurso, pois afinal o que o personagem de Rômulo Braga faz é isso, revisitar um longo caminho. Ele refaz o caminho, fisicamente e espiritualmente, mas tudo parece ser sempre pouco, porque talvez o mais difícil mesmo seja entender o processo e sua relação com o tempo. Afinal, viajar não traz respostas, apenas novas perguntas.

DA CURVA, PRA CÁ

Dizem que, quando você está sonhando, a
única forma de descobrir se é um
sonho é acender a luz.

VITÓRIA - ESPÍRITO SANTO

19MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 10 ANOS

DIREÇÃO
João Oliveira

ELENCO
Josué Corrêa Silva, Eliene
Thomas, Felipe Soul, Patrick
Views e Marcos Oliveira

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Livia Egger

ROTEIRO E EDIÇÃO
João Oliveira

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Juane Vaillant

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Francisco Xavier

DIREÇÃO DE ARTE
Raphael Araújo

EDIÇÃO E DESENHO DE SOM
Marcus Neves



DO OUTRO LADO

Às vésperas de uma importante decisão, a juíza da Corte Suprema de Taiwan recebe uma carta inesperada.

SÃO PAULO - SÃO PAULO



14MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Bob Yang

ELENCO
Chang Hsi Oh

**ROTEIRO, PRODUÇÃO,
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA,
MONTAGEM E
DIREÇÃO DE ARTE**
Bob Yang, Frederico Evaristo

DESENHO DE SOM
Rafael Gomes

FABIANA

Fabiana, mulher trans, vive como uma caminhoneira nômade por todo o Brasil durante mais de trinta anos. Porém, a aposentadoria se aproxima e ela deverá deixar para trás suas aventuras na estrada.

SÃO PAULO - SÃO PAULO

89MIN
LONGA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Brunna Laboissière

ELENCO
Fabiana Camila Ferreira e
Priscila Cardoso

ROTEIRO, FOTOGRAFIA E
SOM DIRETO
Brunna Laboissière

PRODUÇÃO
Brunna Laboissière e
Fernando Pereira
dos Santos

COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO
Brunna Laboissière

MONTAGEM
Bruna Carvalho Almeida

DESENHO DE SOM
Caio Gox



JÉSSIKA

Anos após deixar sua casa, a travesti Jéssika retorna para sua cidade natal e para a casa de sua mãe.

RIO DE JANEIRO - RIO DE JANEIRO



19MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Galba Gogóia

ELENCO
Verónica Valenttino, Shirley Britto e Pedro Bedim

PRODUÇÃO EXECUTIVA E DE FINALIZAÇÃO
Anna lu Machado

ROTEIRO
Galba Gogóia

PRODUÇÃO
Felipe Maranhão, Juliana Rosa e Laura Alves

COLABORAÇÕES NO ROTEIRO
Deivid Rodrigues e Lucas Paraízo

MONTAGEM
Ananda Banhattó

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Arthur Dalla e Raphael Narciso

DIREÇÃO DE ARTE
Thaysa Paulo

NAVIOS DE TERRA

70MIN
LONGA-METRAGEM
FIÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Simone Cortezão

ELENCO
Rômulo Braga, Shima,
José Fontinelle, Gerson
Rodrigues, Ruby Wang,
George Chen e Wu Fu Jong

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Gustavo Ferreira
Simone Cortezão

NARRAÇÃO
Ana Amélia Cabral

ARGUMENTO
Ramílson Noronha e
Simone Cortezão

PRODUÇÃO
Simone Cortezão, Ana
Moravi, Bea França

FOTOGRAFIA
Matheus Antunes

PRODUÇÃO LOCAL (TAIWAN)
Eduardo Almeida, Platini
Chang & George Chen

SOM
Andrew Lee e João Tito

EDIÇÃO DE SOM
Guile Martins

MONTADORES
Delani Lima e Simone
Cortezão

TRILHA ORIGINAL
Miguel Javaral

MIXAGEM
Rubens Valdes

Há anos a montanha é deslocada entre dois países (Brasil e China). Rômulo, ex-minerador e agora marinheiro, segue levando parte da montanha e vai ao encontro de outra. Na imensidão do mar, ele conhece outros viajantes, e em momentos febris encontra as memórias e o espírito da terra. Num cotidiano atravessado por outras línguas que ele não fala, mesmo sem entender, as conversas em desencontro acontecem. Assim, Rômulo vai enfrentar dias lentos na imensidão do oceano até o outro continente.

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS



PLANO CONTROLE

O ano é 2016. Um golpe da direita derruba a primeira mulher eleita presidenta no Brasil. Nesse contexto político distópico, Marcela usa o serviço de teletransporte de seu celular para deixar o país, mas seu plano é controle.

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS



16MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Juliana Antunes

ELENCO
Marcella Santos e
Uirá dos Reis

ROTEIRO
Juliana Antunes

PRODUÇÃO
Marcella Jacques e
Camila Bahia Braga

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Alice Andrade

DIREÇÃO DE ARTE
Dayse Barreto

DESENHO DE SOM
Pedro Durães

MONTAGEM
Luísa Lanna e
Gabriel Martins

5.

PRO-
GRAMA

REGIÃO
SUL

Pensar a Região Sul em termos nacionais pode soar, para alguns, como uma ratificação de alguns estereótipos em que a colonização europeia se impõe de maneira contundente, o que por si isolaria a região das outras do país. Muito interessante quando percebermos que essa lógica hegemônica já começa a ser alterada, inclusive nas temáticas propostas pelos filmes. Se é comum encontrarmos temáticas indígenas na Região Norte, é por demais salutar que ela também se faça presente no extremo oposto geográfico Sul. Mas as pautas e urgências vão mais além ainda. Nos seis filmes selecionados é possível identificar temas como cultura popular, política, solidariedade, pertencimento, racismo, direitos humanos e repressão à mulher e acolhimento, o que fortalece incisivamente essa curadoria. É o Sul mostrando suas outras facetas, talvez pela própria mudança de postura dos cineastas da região.

Euler Miller entre dois mundos (PR), dirigido por Fernando Severo, é uma obra singular dentro da temática indígena ao propor uma abordagem diferenciada, em que o protagonista busca uma inserção no mundo branco, ao sair de sua tribo em Dourados (MS) para estudar odontologia na urbana Curitiba. O filme fala tanto de conflitos de Euler consigo mesmo quanto com a sociedade. Como o título já indica, tudo se transcorre no entre, em um território de contendas de ideias, mas também de atos de evidente discriminação racial. Um dos pontos altos do filme está na relação que Euler Miller vai construindo no decorrer da narrativa com sua família e sua tribo. Valores tradicionais, a princípio desconsiderados, vão adquirindo um peso maior na sua trajetória. Reconectar à origem será necessário e saudável, por mais que as pretensões intelectuais ocidentalizadas de Euler sejam latentes e irrefreáveis.

A questão etnorracial ainda ecoa em dois outros filmes do Sul: *Isso me faz pensar* e *Catadora de gente*. No primeiro, a partir de uma feira de

hip-hop, realizada no Centro de Porto Alegre, por jovens universitários negros que divulgam sua arte e conclamam o público a refletir sobre as desigualdades sociais e o racismo. Um dos grandes diferenciais do filme é o da narrativa inteiramente centrada nos próprios protagonistas. As diretoras Cris Reque e Karine Emerich capturam a potência afirmativa de personagens negros por meio de um processo cultural que incorpora atitudes educativas perante o racismo, a homofobia e o machismo. Ir para a rua como um ato político e de conscientização, essa é a ideia que inspira essa obra repleta de atitude e pertencimento coletivo.

Já *Catadora de gente* é um típico caso de documentário de personagem e a sua força está sobremaneira no carisma de sua protagonista, Maria Tugira, que nos encanta da primeira à última cena com sua calma imponente. A construção imagética do filme apresenta uma fotografia contrastada que salienta a dureza de algumas falas com feixes delicadamente iluminados e envolventes os quais dialogam poeticamente com ações relevantes presentes na vida dessa mulher cativante e proativa na luta por direitos sociais da Constituição Brasileira. As contradições sociais do Brasil são expostas sob a luz de propostas afirmativas e não como simples denúncia. O cinema aqui se curva à lucidez da personagem, o que justifica o posicionamento da câmera fixa e frontal, enquadrada magicamente de modo a luzir o rosto de Maria Tugira.

O que nos conecta no mundo é a nossa memória. Mas quando percebemos que pedaços dela estão também relacionadas a outras pessoas, a sua compreensão se amplia e torna-se mais complexa. *Quando as coisas se desmancham* (PR), dirigido por Aristeu Araújo, aborda esse emaranhado tema em que o esquecimento e a lembrança

se misturam com nossos sentimentos e afetos para redefinir o lugar que ocupamos nesse mundo fluido. O filme discute ainda a possibilidade de novas viagens promovidas pelas mídias sociais e como os corpos se movem ou se estagnam na contemporaneidade, tendo por base o poema “Tu não se moves de ti” de Hilda Hilst (incorporado na videoarte produzida pela protagonista), como uma maneira de desenvolver em meio à instabilidade um lastro de relação com o pai, que está com Alzheimer. Não há respostas fechadas para as questões levantadas na obra, apenas a certeza de que cotidianamente enfrentamos as fraturas do tempo, do espaço e da memória, sem deixar de lado o afeto.

A primeira coisa que chama atenção em *Almofada de penas*, dirigido por Joseph Specker Nys, é a beleza suntuosa dessa animação. Caso o espectador decida só desfrutar das imagens será compreensível, já que cada detalhe impressiona muito pelo apuro técnico. Mas felizmente o filme é bem mais do que isso. Seu roteiro minimalista, que se impõe mais pelo clima criado pelas imagens e efeitos sonoros, faz tudo fluir exemplarmente. A inspiração vem justamente de um conto gótico homônimo do início do século 20, do escritor uruguaio Horacio Quiroga. A narrativa é construída em cima de uma atmosfera opressiva em relação às mulheres. Os pesadelos da protagonista muito dizem sobre a violência inerente aos casamentos da sociedade patriarcal, os quais colocavam as jovens numa posição de total submissão, em que tão somente os interesses econômicos das famílias importavam.

Tradição também está no cerne da ópera folclórica *Abrindo as janelas do tempo* (SC), dirigida por Santiago José Asef. Em toda a obra não há diálogos, tudo é representado e encenado a partir da música do grupo Cantadores de Engenho, que também se mistura na história. Há uma

nítida referência saudosista, de uma cultura que tende a se esvaír, de uma sociedade que perdeu muito de seus laços de afetividade e coletividade. Na proposta, a música provoca um passeio no tempo, passado e presente dialogam por meio da memória de uma senhora. O diretor é bem-sucedido em manter importantes respiros e silêncios entre as músicas, que permitem os encadeamentos e as transições dramatúrgicas entre as sequências. *Abrindo as janelas do tempo* nos arremessa em uma viagem ousada e altamente telúrica, ora pelas imagens ora pelas músicas, ambas envolventes e belas. Uma obra incomum em nosso cinema.

ABRINDO AS JANELAS DO TEMPO

Aprisionada em si mesma, a personagem central luta para encontrar-se e viver no presente. Suas confusões temporais envolvem o espectador fazendo-o experimentar de perto essas vivências. A história se passa num vilarejo caiçara em três épocas diferentes, revelando muita sensibilidade. O filme traduz uma história de amor, de perda, espera e de aceitação.

BOMBINHAS - SANTA CATARINA



62MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO

Santiago José Asef

ELENCO

Célia Rebelo, Cilene Borba,
Paulo Goedert, Cléo Melo e
Alexandre Gonçalves

ROTEIRO

Marcos Aurino Pinheiro

PRODUÇÃO

Aline Lúcia Vieira

FOTOGRAFIA

Santiago José Asef

DIREÇÃO DE ARTE

Aline Vieira e Cilene Borba

MONTAGEM

Santiago José Asef

CANTADORES DE ENGENHO

Aline Lúcia Vieira, Carlos
Eduardo Boaventura,
Cilene Juciane Borba,
José Antônio Olímpia,
Marcos Aurino Pinheiro,
Murilo Evandro de Melo,
Paulo Estevão Goedert e
Vinícios Reinaldo de Melo

ALMOFADA DE PENAS

12MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 12 ANOS

DIREÇÃO

Joseph Specker Nys

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Maria Emilia de Azevedo e
José Manuel Sappino

ROTEIRO

Joseph Specker Nys
- Adaptação do conto
homônimo de
Horácio Quiroga

PRODUÇÃO

Maria Emilia Oliveira de
Azevedo, Joseph Specker
Nys e Marcelo Esteves

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Marcos Vinícius D'Elboux

DIREÇÃO DE ARTE

Joseph Specker Nys

DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO

Pedro Peluso

DIREÇÃO MUSICAL E COMPOSIÇÃO ORIGINAL

Júlio Miotto

DESIGN, PRODUÇÃO E CONFECÇÃO DE FIGURINOS

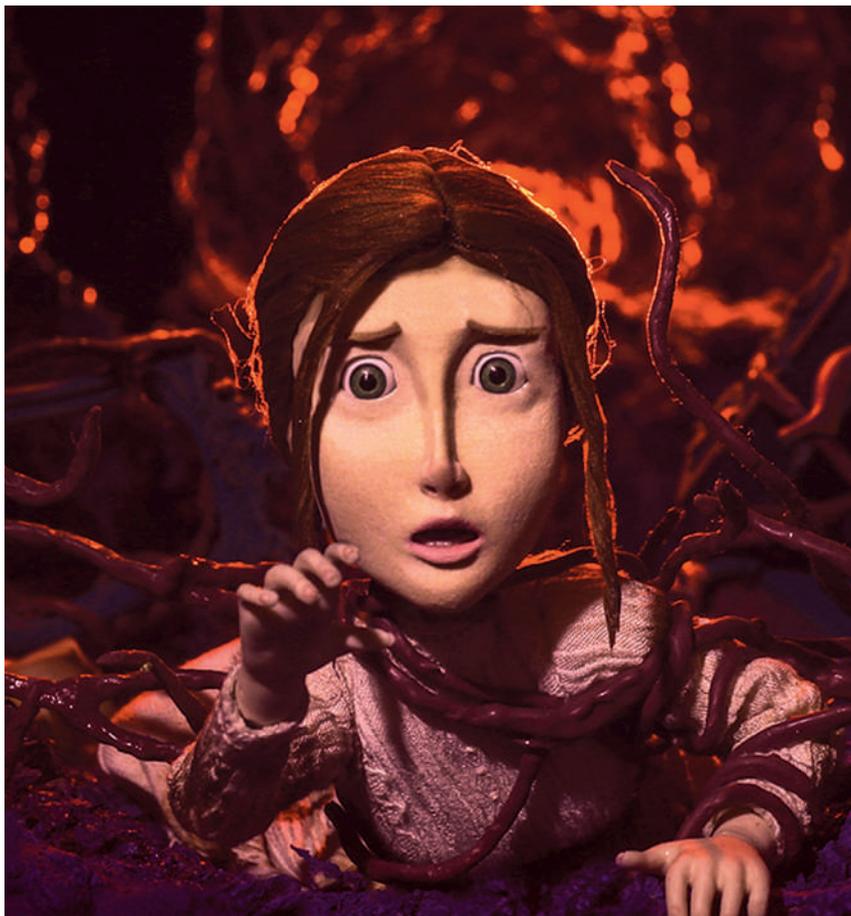
Andressa W.Klawa

MONTAGEM

Joseph Specker Nys e
Mauricio Fischer

Logo após sua lua de mel, Alicia contrai uma doença inexplicável, enquanto seu marido Jordão presencia tudo de modo indiferente. Algo oculto a está enlouquecendo. A doença faz a jovem mulher mesclar a realidade com alucinações monstruosas.

FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA



CATADORA DE GENTE

Catadora de gente é Maria Tugira Cardoso. Há 30 anos a personagem do filme dedica sua vida à catação de lixo. Com sua fala lúcida a respeito da vida e de suas complexidades, Tugira narra sua história e propõe ao espectador uma reflexão profunda sobre as desigualdades sociais do Brasil.

PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL



18MIN
MÉDIA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Mirela Kruel

ELENCO
Maria Tugira Cardoso

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Mirela Kruel

ROTEIRO
Mirela Kruel

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Mariana Frantz

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Eduardo Nascimento Rosa

DESENHO DE SOM
Bruno Carboni

MONTAGEM
Bruno Carboni

EULLER MILLER ENTRE DOIS MUNDOS

Euller Miller é um jovem indígena brasileiro da etnia Kaiwá que sai de sua pequena aldeia nos arredores de Dourados (MS) para cursar odontologia em uma universidade pública a populosa capital do estado do Paraná. O filme acompanha sua complexa transição entre dois mundos contrastantes e a busca de novos horizontes que não impliquem a perda de suas raízes indígenas.

CURITIBA - PARANÁ

76MIN
LONGA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Fernando Severo

ELENCO
Euller Miller Martins
Almeida

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Anderson Simão e
Christopher Faust

ROTEIRO
Fernando Severo

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Jonathan van Thomaz

EDIÇÃO
Fernando Severo e
Tomás von der Osten

DESENHO DE SOM
Alexandre Rogoski



ISSO ME FAZ PENSAR

Isso me faz pensar apresenta a realidade de jovens da periferia de Porto Alegre que vivem a cultura *hip hop*, enquanto enfrentam cotidianamente situações de preconceito, escassez e violência. O média-metragem vai do raro protagonismo feminino em um ambiente dominado pelos homens às dificuldades em manter o trabalho com a música, a dança ou a poesia. Batalhas de *slam*, feiras livres, oficinas em escolas, marchas e shows acabam sendo para estes batalhadores um ato de resistência.

PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL



25MIN
MÉDIA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Hopi Chapman

ELENCO
Jaqueline Trindade Pereira,
Júlio César Oliveira de
Oliveira, Pablo de Freitas e
Rael da Silva Vieira

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Cris Reque

ARGUMENTO
Cris Reque e Hopi Chapman

ROTEIRO
Karine Emerich

COLABORAÇÃO DE ROTEIRO
Hopi Chapman

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
João Gabriel Queiroz

MONTAGEM
Paulo Padilha

PRODUÇÃO EXECUTIVA FFX
Daniela Israel

QUANDO AS COISAS SE DESMANCHAM

Ana é uma adolescente que retorna a Natal para se reaproximar do pai, que está com Alzheimer. Nesse meio-tempo, ela se prepara para as provas do Enem, dá seus primeiros passos nas artes e se pergunta sobre quais caminhos a seguir. Há uma relação clara entre a degradação de um, o florescimento de outro e a busca pelas memórias.

21MIN
MÉDIA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

CURITIBA - PARANÁ

DIREÇÃO

Aristeu Araújo

ELENCO

Fernanda Cunha, Geraldo
Maia, Isadora Gondim,
Clotilde Tavares

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Suerda Moraes

ROTEIRO

Aristeu Araújo, Lielson Zeni,
Sofia Helena, Vanessa C.
Rodrigues

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Dênia Cruz

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Thaís Grechi

DIREÇÃO DE ARTE

Michele Dalpasqual

SOM DIRETO

Gustavo Guedes

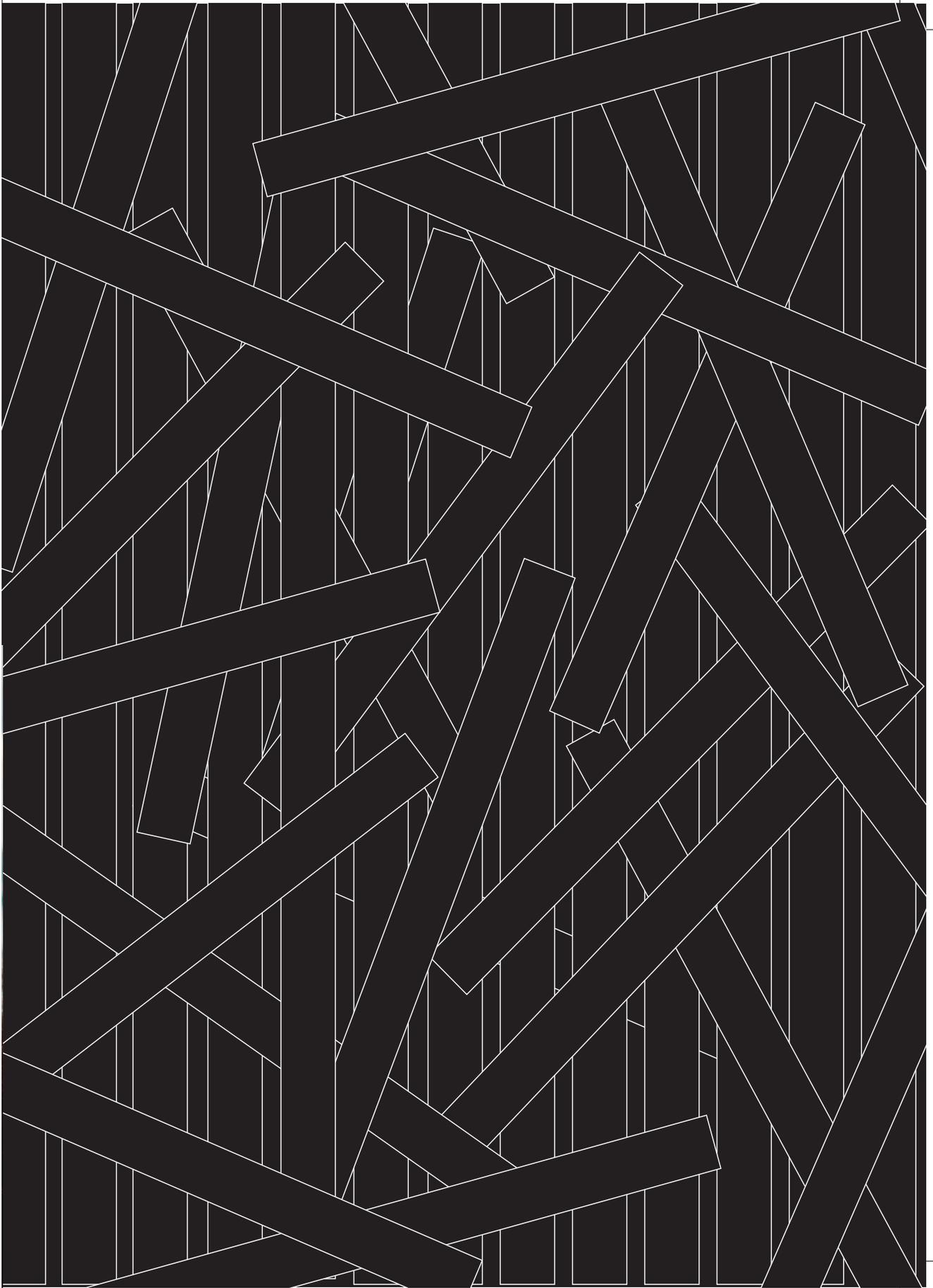
DESENHO DE SOM

Luiz Lepchak

MONTAGEM

Aristeu Araújo





6.

PRO-
GRAMA

PANORAM
INFANTOJ

O termo infantojuvenil já traz em si uma dualidade, não só pela sua constituição morfológica, agregadora de duas palavras que sintetizam duas etapas diferentes do crescimento humano, a infância e a adolescência, mas também porque essa junção nada mais designa do que um traçar arbitrário de uma linha reta em duas fases da vida que, mesmo tendo uma proximidade cronológica, possuem imensos distanciamentos concretos. O que queremos dizer é que, entre os 5 e os 18 anos, existem abismos inconciliáveis, tanto de interesses quanto de corpo e de desejos acerca da vida. Mas ao mesmo tempo, embora resguardadas suas diferenças, o infantojuvenil ainda é um termo corriqueiro e usual. Se há algo que agrega essas duas faixas etárias é o fato de ambas fazerem parte do Ensino Básico brasileiro (Fundamental e Médio), isto é, aquele momento escolar que precede o ensino universitário.

MA JUVENIL

Partimos da premissa e da constatação então de que o termo infantojuvenil traz uma complexidade no seu cerne, e que por isso mesmo ratificamos sua amplitude de alcance. Como muitas questões cabem no infantojuvenil, a Mostra Sesc de Cinema selecionou dez filmes que, de alguma maneira, dão conta dessa profusão de temas que envolve essa extensa faixa etária.

Sete filmes podem ser identificados como ideais para um público entre 5 e 14 anos. São eles: *Vivi Lobo e o quarto mágico* (PR), *Icamiabas* (PA), *Hornzz* (RJ), *Lily's hair* (GO), *Clandestino* (SE), *A câmera de João* (GO) e *O malabarista* (GO). Três filmes selecionados podem ser considerados oportunos para uma faixa etária entre os 14 e os 18 anos. São eles: *Poética de barro* (MG), *Parda* (RJ) e *Cravo, lírio e rosas* (RJ).

A delicadeza e a força da feminilidade se unem na animação em 2D *Vivi Lobo e o quarto mágico* (PR), dirigido por Isabelle Santos e Edu MZ Camargo. O recorte autobiográfico pode render boas discussões e logo na primeira cena vemos imagens do aniversário de três anos da diretora Isabelle, também autora do livro homônimo que inspirou o filme. Há em toda a obra uma costura proposital em que diversas mulheres socialmente importantes são de alguma maneira citadas como homenagem e inspiração (a artista plástica Frida Kahlo, a cantora e instrumentista Nina Simone, a jogadora de futebol Marta e Malala, a ativista paquistanesa). O sobrenome Lobo da protagonista é relacionado ao livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, psicanalista que resgata os mitos antigos os quais realçam a potência feminina diante da histórica opressão na qual foram submetidas a partir da Idade Média. *Vivi Lobo e o quarto mágico* é a janela da imaginação infantil sempre colorida e em constante movimento.

Ainda no campo da imaginação, o curta de animação carioca *Hornzz*, dirigido por Lena Franz, propõe uma viagem lírica e reflexiva sobre a nossa relação com o tempo. A brevidade do filme induz ao pensamento acerca da celeridade da vida, dos momentos simples, fugazes e mágicos da infância contrastados com os diversos reveses que sofremos na fase adulta. O onírico da imagem e do som enriquecem suas inquietações filosóficas. Apesar de sua camada aparente transpirar uma beleza plástica contagiante, *Hornzz* trata de temas duríssimos, como o passar do tempo, o envelhecimento e frustrações advindas de um cotidiano massacrante. Elementos míticos e sobrenaturais, com criaturas com olhos inumanos e animais mágicos como uma onça-marinha permeiam o universo lúdico no qual o filme está assentado.

A televisão sempre foi um espaço para onde os produtores de conteúdos infantis investiram suas fichas. *Icamiabas* (PA), dirigido por Otoniel Oliveira, é um ótimo exemplo deste caminho seguido pelas animações. Sua estética pode facilmente ser encontrada em diversos programas do tipo Cartoon Network. Traços com forte influência dos animes japoneses, assim como o movimento incessante dos personagens em cena. As cores também proliferam, de modo a prender a atenção das crianças à história, sem sequer conseguir dar uma piscadela. O tom de aventura predomina e a ação atende aos espíritos mais aguçados. Mas o grande charme dessa produção paraense está no seu conteúdo local. A cultura amazônica transborda em cada *frame*. Sem falar que *Icamiabas* são quatro super-heroínas arretadas, defensoras ferrenhas da cultura e dos produtos paraenses. Nessa animação descolada, as lendas amazônicas se misturam no linguajar e no uso das cores apimentadas, tendo o famoso Veropa (como é popularmente conhecido o Mercado Ver-o-Peso) como palco das lutas de nossas heroínas contra a sanha de um velho ambicioso biopirata.

Lily's hair (GO), dirigido por Raphael Gustavo da Silva, segue uma linha de ativismo político para menores, enfatizando a afirmatividade do corpo negro tendo como foco o cabelo, ponto crucial da luta etnorracial brasileira. Apesar da temática insinuar e sugerir dureza, o tom comédia ditado pelo diretor suaviza o todo, assim também como o teor fabular infantil da narração de Caio, o menino cadeirante, um prematuro contador de causos, que nos incita à imaginação, já que ao contar as histórias insere elementos fantasiosos que tornam *Lily's hair* repleto de momentos engraçados. A atriz Regiane Gabriele, a Lily, é uma menina que se vê negra, mas que por causa de sua ascendência também indígena, seu cabelo não encrespa de jeito nenhum, nem com uso de produtos específicos. O *rap* final exaltando sua negritude já vale o filme.

Clandestino (SE), dirigido por Baruch Blumberg, pode ser visto como um *road movie* infantil que se passa em um ônibus. A protagonista é Teca, uma menina que leva escondido um filhote de cachorro em uma caixa. A responsável por ela é sua avó de nome Maria. Como todo *road movie* que se preze, a narrativa segue uma fluência admirável. O diretor insere alguns personagens animados, que dão um encanto especial no resultado final do trabalho. Muitas vezes a animação entra no filme quando a Vó Maria conta uma história para a neta. A contação é inserida como um passatempo e nos ajuda a sentir uma ideia de temporalidade, pois estamos participando de uma viagem de ônibus longa, em que a presença de um cachorro não pode ser descoberta. Há um suspense quanto a isso, pois a todo momento a trama secreta pode ser desvendada, pondo tudo a perder. O mais interessante nessa singela obra é o quanto uma mera viagem de ônibus pode representar uma grande aventura para uma criança.

A câmera de João (GO), dirigido por Tothi Cardoso, é um daqueles filmes classificados como para crianças de todas as idades e por um motivo bem simples: ele tem o poder de acessar nossas memórias mais remotas da infância, sobretudo da boa e velha casa dos avós. Essa obra propõe uma viagem ao nosso imaginário e muito nos toca em nossas lembranças afetivas. Há um calor que emana dele, uma terna declaração de amor ao cinema e à transmissão de conhecimento. Em vários momentos somos tomados pela emoção ao ver esse menino João transbordar sua paixão pelo mundo e pelo registro de imagem. Tudo é muito simples, a casa, os avós, o quintal, as conversas, o figurino, a oficina do avô, a velha caixa recheada de fotos e lembranças. A delicadeza do cotidiano, do trivial, do passar do tempo e de querer viajar nele por meio dos registros fotográficos. *A câmera de João* nos desperta a voltar no tempo e revisitar lugares públicos por intermédio de fotos antigas, observando as transformações urbanas e as permanências, um potente encontro entre passado e presente. Ao término do filme temos vontade também de sair em busca de viver essas mesmas experiências mágicas com o tempo. Um filme que em 20 minutos nos resgata a história existencial e afetiva do próprio cinema.

O malabarista (GO), dirigido por Iuri Moreno, é um documentário animado, o que em si já traz um diferencial na sua proposta como estética. Despertar a atenção do público infantojuvenil para essa possibilidade de construção narrativa agrega ao filme uma dinâmica interessante de discussão. Fantasiar com imagens animadas depoimentos tão reais, que falam da concretude da vida de profissionais que usam a rua como seu local de ganha-pão, traz consigo uma surpreendente ousadia. Por isso vem bem a calhar a epígrafe-síntese, utilizada na abertura do filme, do artista Saracura do Brejo: "Minha lona é do tamanho do céu, minha bilheteria é o meu chapéu." Essa ideia

é reforçada pelo uso predominante do preto e branco no desenho da cidade sem vida imersa em sua agitada e egoísta rotina, cujo colorido fica a cargo dos malabaristas dos sinais vermelhos, com suas bolas e roupas que sustentam a poesia cotidiana desse mundo cinzento. O traço sutil e belo da animação de Wesley Rodrigues veste com sensibilidade a ideia da importância dos artistas de rua para a composição sisuda das cidades.

Por falar de poesia, ela pode estar em todas as partes, esse inclusive é um de seus maiores atributos e belezas. É o que propõe *Poética de barro* (MG), dirigido por Giuliana Danza. Em meros cinco minutos, esse *stop motion* sintetiza a própria ideia de poesia, sobre seu brotar inusitado e inesperado. O bailado imagético surpreende, é como se a diretora quisesse nos mostrar o *insight*, o nascimento e o transbordar de um instante poético. Há um encantamento iluminado pela trilha sonora minimalista de Jackson Abacatu, que lapida com brandura e emoldura carinhosamente as imagens. Outro primor são as animações de massinha em vidro iluminado, de Diego Akel, de um deleite visual sem igual. Essa animação é um convite irrecusável ao nosso desejo incurável de realizar uma viagem sensorial sem fim. O barro afinal é essa matéria na qual tudo pode ser ali moldado, simbólico de um devir fluido e passageiro, uma possibilidade incansável de sugerir o eterno ciclo transformador da natureza.

E quando você não se sente socialmente incluído ou pertencente? Essa é a pergunta que faz o filme *Parda* (RJ), dirigido por Tai Linhares. Por que não discutir o racismo pelo viés dos pardos, ou de quebra propor um questionamento do próprio termo pardo e sua construção política que encobre e camufla o racismo? O filme de Tai é claramente uma provocação, por isso mesmo começa por um programa de TV, um

show de variedades que teletransporta brancos para o Brasil a partir de uma demanda do governo brasileiro. As imagens do programa são divididas com outras que mostram um país dominado por um sistema autoritário. Essa proposta, claramente distópica, diz muito sobre *Parda* e sua posição sobre o tema. O filme é um híbrido de documentário, autodocumentário e ficção, transita assim em ambiguidades, dúvidas e muitas indagações sobre o preconceito racial brasileiro. A discussão recai sobre o passado escravocrata, patriarcal e colonial, afinal, as nossas desigualdades sociais e de riqueza esbarram também na cor da pele, já que majoritariamente nossa elite é branca, e nossa pobreza, negra. *Parda* abre diálogos infinitos, mas todos eles sempre desembocam no endêmico racismo brasileiro.

Um dos gêneros que mais atrai os jovens é o terror. *Cravo, lírio e rosas* (RJ), dirigido por Maju de Paiva, se inscreve em uma concepção, em que o terror surge como detonador de mistérios e simbolismos femininos. O vampirismo aqui vira uma metáfora da masculinidade tóxica e, por isso mesmo, o filme sugere até mais uma leitura de gênero, dedicado ao amor lésbico, do que quaisquer temas subjacentes existentes, como o da gordofobia, o do amadurecimento adolescente, o da repressão escolar e outros que possam ser apontados. Curiosamente, o título do filme faz alusão a um quadro homônimo do século 19, de John Singer Sargent, em que duas meninas brincam harmonicamente em um final de tarde com lanternas chinesas, em meio a belas flores. Há uma relação profunda entre a natureza e o feminino que dialoga muito com o próprio conceito feminista do filme, uma ideia de sororidade latente e potente, que costura exemplarmente com as discussões sobre a repressão da mulher na sociedade contemporânea.

A CÂMERA DE JOÃO

O filme acompanha a jornada do garoto João que traz consigo as heranças e memórias de seu avô Zeca retratadas por meio da curiosidade e paixão pela fotografia. Curioso, João interage com as lembranças da cidade e com as memórias dos seus avós.

GOIÂNIA - GOIÁS

22MIN
MÉDIA-METRAGEM
FIÇÃO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Tothi Cardoso

ELENCO
Lucas Romão, Adilson
Magha, Neusa Borges

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Joelma Paes

ROTEIRO
Tothi Cardoso

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Luana Otto

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Larry Sullivan

MONTAGEM E FINALIZAÇÃO
Maurelio Toscano

DESENHO DE SOM
Thiago Camargo

**DIREÇÃO DE ARTE
E FIGURINO**
Carolina Breviglieri



CLANDESTINO

Tereza é uma garota comum com uma imaginação incomum. No caminho para encontrar sua mãe e entregar uma encomenda muito preciosa, sua imaginação corre livre pelas paisagens do interior. O que poderia ser mais uma viagem de ônibus em companhia de sua avó se torna uma grande aventura.

ARACAJU - SERGIPE



24MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Barush Blumberg

ELENCO
Maria Clara, Rita Maia,
Jaqueline Barroso,
Thiago Marques

ROTEIRO
Jéssica Maria Araújo

PRODUÇÃO
Fernanda Almeida

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Arthur Pinto

DIREÇÃO DE ARTE
Jéssica Maria Araújo

DESENHO DE SOM
Adam Viana

MONTAGEM
Lu Silva

ANIMAÇÃO
André Franco,
Breno Lopes,
Mayumi Kimura,
Jonathan Souza

CRAVO, LÍRIO E ROSAS

20MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: 14 ANOS

DIREÇÃO
Maju de Paiva

ELENCO
Antônia Lonn, Giseli
Balestreri, Milena Pessoa,
Carol Colla, Renan Brum,
Fernanda Maranhão,
Valentim Lissovsky, Gisela
de Castro, Pedro Florim

ROTEIRO
Maju de Paiva

PRODUÇÃO
Isa Morelli, Júlia Couto,
Rachel Aranha

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
João Victor Borges

DIREÇÃO DE ARTE
Marina Pavez, Tatiana
Delgado

SOM DIRETO
Gustavo Silveira

MONTAGEM
Isabel Salomon

MAQUIAGEM
Raíssa Tavares

EFEITOS ESPECIAIS
João Marcos Nascimento

Cê, uma menina de oito anos, tropeça no cadáver de uma adolescente. A aparição do corpo muda drasticamente a vida de Cê e de sua irmã mais velha, Sara. A mais nova se comunica com os mortos como válvula de escape para a solidão, enquanto a mais velha tem que lidar com assédio e com a vulnerabilidade de seu corpo.

RIO DE JANEIRO - RIO DE JANEIRO



HORNZZ

Hornzz é um curta de animação 2d de Lena Franzz. A inspiração de experiências pessoais da autora é contada por meio de uma linguagem surrealista.

RIO DE JANEIRO - RIO DE JANEIRO



5MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2019
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Lena Franzz

**ROTEIRO, ANIMAÇÃO,
RIGGING, EDIÇÃO E
PÓS-PRODUÇÃO**
Lena Franzz

**DESENHO DE SOM E TRILHA
SONORA ORIGINAL**
Felipe dos Santos

ICAMIABAS

Um explorador comercial inveterado, o Bio Pirata, foi até a feira do Veropa para pilhar bem no dia em que as Icamiabas tinham ido fazer a feira para Tupam. Derrotado, ele decide se vingar juntando as duas inocentes criaturas, o Mapim e o Guari, em uma enorme e destruidora força de comer que pode acabar com a Feira do Veropa rapidinho, o insaciável Mapimguari!

BELÉM - PARÁ

12MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2017
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Otoniel Oliveira

ROTEIRO
Otoniel Oliveira, Guaraci Brito, David Mattos

PRODUÇÃO
Andrei Miralha

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Fernando Carvalho

DESENHO DE SOM
Aron Miranda

MONTAGEM
Marcus de Oliveira

ANIMAÇÃO
Pedro Barreiros, Gizando Santos, Luisa Barganha, Genilson Braga, Arthur Braga, Genilson Ferreira, Marcus Oliveira



LILY'S HAIR

Lily é uma garota negra que mora com sua família no Conjunto Vera Cruz, bairro da periferia de Goiânia. Ela se orgulha muito de sua negritude, mas não gosta de seus cabelos. Com a ajuda de Caio, seu amigo cadeirante, faz de tudo para conseguir fazer com que seus cabelos fiquem do jeito que sempre sonhou.

GOIÂNIA - GOIÁS



15MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2019
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Raphael Gustavo da Silva

ELENCO
Regiane Grabriele, Bernardo Luiz, Vitória Mikaeli, Regina Silva, Adriana Brito, Izabela Nascente, Mel Gonçalves

ROTEIRO
Raphael Gustavo da Silva

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Pedrinho Fiel

PRODUÇÃO
Lailston Rodrigues (Tom)

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Marcelo Kamenach

**DIREÇÃO DE ARTE
E FIGURINO**
Rochelle Silva

**MONTAGEM, EDIÇÃO,
FINALIZAÇÃO E ANIMAÇÃO**
Isabela Veiga

TÉCNICO DE SOM
Thiago Camargo

O MALABARISTA

Documentário em animação sobre o cotidiano dos malabaristas de rua, que colorem a rotina monótona das grandes cidades.

GOIÂNIA - GOIÁS

11MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2018
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Iuri Moreno

ROTEIRO
Iuri Moreno

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Lara Morena

**DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO
E ARTE**
Wesley Rodrigues

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Danilo Kamenach e
Marcelo Kamenach

SOM
Thiago Camargo e
Guilherme Nogueira

PESQUISA
Iohannah Hardy e Iuri
Moreno

DEPOIMENTOS
Luciano Yacante, Ana
Marcela, Ícaro Araújo,
Gustavo Torres, Chico Curi,
Samira Lemes



PARDA

Um regime autoritário planeja restaurar a supremacia branca no Brasil. Sua primeira medida é exigir a volta ao país de todos os brasileiros brancos vivendo no exterior. Em meio ao caos político, Tai precisa provar que não é branca, mas se depara com a própria incerteza sobre sua identidade racial. O filme desbrava o território ambíguo do conceito de raça no Brasil, seguindo rastros deixados pelo passado colonial e pela história familiar da diretora. Uma viagem exploratória entre a ficção e o documental.

MAGÉ - RIO DE JANEIRO



29MIN
MÉDIA-METRAGEM
FICÇÃO, 2019
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Tai Linhares

ELENCO
Robert Martin, Tai Linhares,
Grace Kelly, Sanni Est,
Marcos Lamoreux

ROTEIRO
Tai Linhares

PRODUÇÃO
Taiane Linhares

SOM DIRETO
Elissa Brito

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Aline Juarez

MONTAGEM
Taiane Linhares
Sully Ceccopieri

POÉTICA DE BARRO

6MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2019
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO

Giuliana Danza

ROTEIRO E PRODUÇÃO

Giuliana Danza

ASSISTÊNCIA DE ROTEIRO

Igor Bastos

STORYBOARD E ANIMATIC

Levi Magalhães

PERSONAGENS E CENÁRIOS

Giuliana Danza

ASSISTÊNCIA DE PERSONAGENS E CENÁRIOS

Jackson Abacatu e
Levi Magalhães

FOTOGRAFIA

Giuliana Danza e Levi
Magalhães

ANIMAÇÃO DE ARGILA

Giuliana Danza, Jackson
Abacatu, Levi Magalhães

**ANIMAÇÃO DE MASSINHA
SOBRE VIDRO ILUMINADO**

Diego Akel

EDIÇÃO E CORREÇÃO DE COR

Beto Mundim

COMPOSIÇÃO

Daniel Ferretti

ROTOSCOPIA

Giovanna Simão

**TRILHA SONORA ORIGINAL
E DESENHO DE SOM**

Jackson Abacatu

**CAPTAÇÃO, MIXAGEM
E MASTERIZAÇÃO**

Rodrigo Lana

CONSULTORIA

Ricardo Alves Júnior

Bucólico, delicado e sensível, o curta-metragem *Poética de barro*, animado em *stop motion* com argilas brasileiras, retrata a saga de uma pequena criatura que precisa sobreviver às vicissitudes da vida. Se todas as barreiras serão transpostas, apenas assistindo para descobrir.

BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS



VIVI LOBO E O QUARTO MÁGICO

Muito prazer! Meu nome é Vivi Lobo. Esta história é sobre as portas que devemos abrir ao longo da vida, enquanto humanos, enquanto meninas.

CURITIBA - PARANÁ



13MIN
CURTA-METRAGEM
FICÇÃO, 2019
CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA: LIVRE

DIREÇÃO
Isabelle Santos e
Edu MZ Camargo

ELENCO
Uyara Torrente, Ana Luísa
Caron, Danielle Rocha,
Isabele Blasius, Luíza
Ribeiro Bravim,
Victor Hugo Filartiga

ROTEIRO
Isabelle Santos e
Edu MZ Camargo

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Anne Lise Ale

PRODUÇÃO
Julieta Audiovisual

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Nathalia Cavalcante

DIREÇÃO DE ARTE
Isabelle Santos

PRODUÇÃO DE ANIMAÇÃO
Dogzilla Studio

ANIMAÇÃO
Walkir Fernandes, Carlos
Lubel, Gabriel Lucas,
Fernanda Mamede,
Fernanda Belo, Fernando
L. Dal Bó, Pedro Barreiros,
Heloá Michelin

MONTAGEM
Thalita Zukeram

